

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO (UFRJ)  
CENTRO DE CIÊNCIAS JURÍDICAS E ECONÔMICAS (CCJE)  
FACULDADE DE ADMINISTRAÇÃO E CIÊNCIAS CONTÁBEIS (FACC)  
CURSO DE BIBLIOTECONOMIA E GESTÃO DE UNIDADE DE INFORMAÇÃO (CBG)

**LUIZ GUSTAVO SOARES CASTRO**

**JORNAL MOVIMENTO: UMA ANÁLISE NA MEMÓRIA SOCIAL, DISCURSO  
POLÍTICO, MIDIÁTICO, IMPRENSA ALTERNATIVA E INFORMAÇÃO.**

Rio de Janeiro

2015

LUIZ GUSTAVO SOARES CASTRO

**JORNAL MOVIMENTO: UMA ANÁLISE NA MEMÓRIA SOCIAL, DISCURSO  
POLÍTICO, MIDIÁTICO, IMPRENSA ALTERNATIVA E INFORMAÇÃO**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado  
ao Curso de Biblioteconomia e Gestão de  
Unidades de Informação da Universidade  
Federal do Rio de Janeiro, como requisito  
parcial à obtenção do título de bacharel em  
Biblioteconomia.

Orientador: Prof. Dr. Antônio José Barbosa de Oliveira-CBG/FACC/UFRJ

Rio de Janeiro

2015

### Ficha catalográfica

C2797j Castro, Luiz Gustavo Soares.

**Jornal Movimento:** uma análise na memória social, discurso político, midiático, imprensa alternativa e informação/ Luiz Gustavo Soares Castro. – Rio de Janeiro, 2015.

95 f : il.

Orientador: Antônio José Barbosa de Oliveira

Projeto Final II (Graduação em Biblioteconomia) – Curso de Biblioteconomia e Gestão de Unidades de Informação, Universidade Federal do Rio de Janeiro.

1. Jornal Movimento. 2. Memória Social. 3. Informação. 4. Discurso Midiático. 5. Discurso Político 6. Imprensa Alternativa. I. Oliveira, Antônio José Barbosa. II Título.

CDD: 001.5

LUIZ GUSTAVO SOARES CASTRO

**JORNAL MOVIMENTO: UMA ANÁLISE NA MEMÓRIA SOCIAL, DISCURSO  
POLÍTICO, MIDIÁTICO, IMPRENSA ALTERNATIVA E INFORMAÇÃO**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado  
ao Curso de Biblioteconomia e Gestão de  
Unidades de Informação da Universidade  
Federal do Rio de Janeiro, como requisito  
parcial à obtenção do título de bacharel em  
Biblioteconomia.

Rio de Janeiro, XX de Outubro de 2015.

---

Prof. Dr. Antônio José Barbosa Oliveira – CBG/FACC/UFRJ  
Orientador

---

Prof<sup>a</sup>. Dra. Regina Maria Macedo Costa Dantas – CBG/FACC/UFRJ  
Membro convidado

---

Prof. MsC. Robson Costa - CBG/FACC/UFRJ  
Membro convidado

Dedico esta monografia a minha amada esposa Eudilia e ao casal de amigos Maria Isabel e Eduardo Caio, maiores incentivadores e fontes inesgotáveis de apoio, amor e compreensão.

## AGRADECIMENTOS

Primeiramente, gostaria de agradecer a todos os professores do Curso de Biblioteconomia e Gestão de Unidades de Informação-UFRJ e aos companheiros da turma do 2º semestre de 2011 que sempre me deram apoio e conhecimento para a realização de um sonho que levou 25 anos e finalmente iniciado em 08/2011 e se concretizando neste momento.

Agradeço em particular a algumas pessoas que participaram desta caminhada nestes quatro anos até a conclusão deste trabalho.

Agradeço a minha esposa amada, Eudília Lopes de Meneses que esteve sempre ao meu lado apoiando e incentivando nos bons e maus momentos e aos meus filhos Luiz Gustavo Soares Castro Jr, Bruno Soares Castro e Luiza Soares Castro que souberam compreender as decisões que tomamos para que pudéssemos chegar a este momento único em minha vida.

Ao casal Eduardo Caio Torres dos Santos e Maria Isabel Sampaio dos Santos na qual considero como a irmã que não pude ter, casal este que acreditou em mim fazendo a inscrição para as provas da UFRJ como um presente e o apoio durante este período nas dúvidas e aprendizagem na UFRJ.

Aos meus pais Hélio Marcondes de Castro e Joselena Soares Castro, mesmo com os problemas que tivemos no passado estamos juntos e me dando apoio e incentivo durante e a conclusão deste sonho.

Ao Prof. Dr. Antônio José Barbosa pela orientação desta monografia e inspiração para a realização deste Trabalho de Conclusão de Curso.

Agora um agradecimento especial a alguns colegas de turma que estão no meu coração pelo companheirismo e amizade que tiveram por mim ao longo desses quatro anos: Maria Carolina C. Barroso, parceira durante as aulas e trabalhos que realizamos juntos a quem considero como uma filha que com certeza me ensinou muito, ao Eduardo Salles Silva, amigo e parceiro nos trabalhos e aulas que tanto me ajudou em momentos críticos durante o meu aprendizado, ao amigo Rogério Lima que mostrou sua amizade e conhecimento em dúvidas que surgiram e finalmente as minhas amigas Patrícia dos Santos e Kyzzi Helena que também participaram nos trabalhos em grupo e na amizade que sempre demonstraram junto a mim.

Finalmente, um agradecimento a mim mesmo pela determinação e dedicação que procurei ter na conquista deste objetivo e desta forma ser um exemplo para meus filhos e netos em sua trajetória de vida.

“A vontade é a meta que se conquista quando se superam as dificuldades com valor e inteligência”.

Delia Steinberg Guzman

## **RESUMO**

O presente trabalho faz uma análise do conteúdo informacional do Jornal Movimento, periódico semanal que circulou no período de julho de 1975 a novembro de 1981 em vários estados do país em pleno período da ditadura militar (1964-1985). O jornal levantou a bandeira da luta, do direito de comunicação e dos direitos civis contra um estado autoritário e seus mecanismos de repressão como o Ato Institucional nº5 (AI-5). A metodologia usada nesta pesquisa foi pautada pela análise do conteúdo informacional de 10 capas e as suas respectivas manchetes, de um total de 334 edições. Buscou-se articular o conteúdo informacional aos referenciais teóricos utilizados como memória social, discurso político e midiático, informação e imprensa alternativa. Buscou-se perceber a produção de sentidos nos fatos e acontecimentos registrados pelo jornal, a despeito da censura prévia atribuída às matérias. O trabalho em questão nos apresenta a importância deste suporte informacional na tentativa de se chegar a uma linguagem simples, politizada e objetiva, num contexto em que seus colaboradores se uniam a um público ávido pela informação.

**Palavras-chave:** Jornal Movimento. Discurso Midiático e Político. Imprensa Alternativa. Memória Social. Informação.



## **ABSTRACT**

This paper analyzes the information content of the Journal Movement, weekly newsletter circulated from July 1975 to November 1981 in several states at the height of the military dictatorship (1964-1985). The newspaper raised the banner of struggle, the right of communication and civil rights against an authoritarian state and its repressive mechanisms such as the Institutional Act No. 5 (AI-5). The methodology used in this research was guided by analysis of the information content of 10 covers and their respective headlines, a total of 334 issues. It attempted to articulate the informational content to theoretical frameworks used as social memory, political and media discourse, information and alternative press. It sought to understand the production of meaning in the facts and events recorded by the newspaper, despite the censorship attributed to materials. The work in question shows us the importance of informational support in an attempt to reach a simple, politicized and objective language, in a context where its employees came together to a public eager for information.

**Keywords:** Journal Movement. Political and media discourse. Alternative Press. Social Memory. Information.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

### FIGURAS

<b>Figura 1 -</b>	Capa da Edição Especial de Inauguração em julho de 1975.....	34
<b>Figura 2-</b>	Capa da Edição nº1- 07/07/1975.....	35
<b>Figura 3 -</b>	Capa da Edição nº61- 30/08/1976.....,	36
<b>Figura 4 -</b>	Capa da Edição Especial de Agosto em 1977.....	37
<b>Figura 5 -</b>	Capa da Edição nº132- 09/01/1978.....	38
<b>Figura 6 -</b>	Capa da Edição nº141- 13/03/1978.....	39
<b>Figura 7-</b>	Capa da Edição nº155- 19/06/1978.....	40
<b>Figura 8-</b>	Capa da Edição nº202- 14/05/1979.....	42
<b>Figura 9 -</b>	Capa da Edição nº273- 22/09/1980.....	43
<b>Figura 10 -</b>	Capa da Edição nº334- 23/11/1981.....	44
<b>Figura 11-</b>	Fac – símile do livreto de cordel de Crispiniano Neto, de Mossoró, RN..	78

## **LISTA DE QUADROS DAS EDIÇÕES DO JORNAL MOVIMENTO (1975-1981)**

<b>Quadro 1 -</b>	Edições do Ano de 1975.....	56
<b>Quadro 2 -</b>	Edições do Ano de 1976.....	57
<b>Quadro 3 -</b>	Edições do Ano de 1977.....	60
<b>Quadro 4 -</b>	Edições do Ano de 1978.....	63
<b>Quadro 5 -</b>	Edições do Ano de 1979.....	66
<b>Quadro 6 -</b>	Edições do Ano de 1980.....	70
<b>Quadro 7 -</b>	Edições do Ano de 1981.....	73

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>12</b>
<b>1.1</b>	<b>Justificativa.....</b>	<b>13</b>
<b>1.2</b>	<b>Objetivo.....</b>	<b>14</b>
<b>1.2.1</b>	Objetivo Geral.....	14
<b>1.2.2</b>	Objetivo Específico.....	14
<b>2</b>	<b>REFERENCIAL TEÓRICO.....</b>	<b>15</b>
<b>2.1</b>	<b>Imprensa Alternativa.....</b>	<b>15</b>
<b>2.2</b>	<b>Memória Social.....</b>	<b>19</b>
<b>2.3</b>	<b>Discurso.....</b>	<b>22</b>
<b>2.3.1</b>	Discurso Midiático.....	22
<b>2.3.2</b>	Discurso Político.....	26
<b>2.4</b>	<b>Informação.....</b>	<b>29</b>
<b>3</b>	<b>METODOLOGIA.....</b>	<b>33</b>
<b>3.1</b>	<b>Campo Empírico.....</b>	<b>33</b>
<b>3.2</b>	<b>Técnicas de Coletas e Análise de Dados.....</b>	<b>33</b>
<b>3.3</b>	<b>População/ Amostra.....</b>	<b>33</b>
<b>4</b>	<b>ANÁLISE DO CORPUS SELECIONADO: O que as capas nos dizem...</b>	<b>34</b>
<b>4.1</b>	<b>Análises do teor das Manchetes.....</b>	<b>34</b>
<b>4.2</b>	<b>Análises do teor das Manchetes em relação aos Referenciais Teóricos.....</b>	<b>46</b>
<b>4.2.1</b>	Memoria Social.....	46
<b>4.2.2</b>	Discurso Midiático.....	47
<b>4.2.3</b>	Discurso Político.....	48
<b>4.2.4</b>	Informação.....	49
<b>4.2.5</b>	Imprensa Alternativa.....	50
<b>5</b>	<b>CONCLUSÃO.....</b>	<b>52</b>
	<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>54</b>
	<b>APÊNDICE A- Quadro das edições do Jornal Movimento (1975-1981).....</b>	<b>56</b>
	<b>ANEXO A - Cordel de Crispiniano Neto em Homenagem a Movimento.....</b>	<b>78</b>
	<b>ANEXO B - Artigo na Folha de São Paulo de 27 de Novembro de 1981.....</b>	<b>82</b>

## 1 INTRODUÇÃO

Neste trabalho faremos uma viagem aos famosos “*Anos de Chumbo*” mostrando um dos mais famosos jornais da chamada *Imprensa Alternativa*, o *Jornal Movimento* que atuou no período de 07 de Julho de 1975 a 23 de Novembro de 1981 com 334 edições semanais em pleno âmbito da ditadura civil- militar (1964 a 1985) e o seu processo de repressão e censura prévia aos meios de comunicação em especial à imprensa brasileira, o AI-5 (Ato Institucional nº5) de 13 de dezembro de 1968 impostos durante o governo do presidente Costa e Silva, dando início a fase mais repressiva deste regime impondo um aparato repressivo, ao qual a censura prévia funcionava como um aparelho regulador de quaisquer informações a serem divulgadas pela imprensa no momento, tendo como ordem vetar ou permitir a publicação das mesmas. O *Jornal Movimento* surge com um consenso de que era possível fazer um novo jornal, um jornal sem padrão, um “*Jornal dos Jornalistas*”, que proporia uma maior aproximação com movimentos populares e uma frente ampla contra a ditadura. Em suas fileiras encontram-se figuras representativas do movimento democrático e popular brasileiro como em seu Conselho Editorial: o cantor e compositor Chico Buarque, o sociólogo Fernando Henrique Cardoso, o presidente do Sindicato dos Jornalistas no Estado de São Paulo, Audálio Dantas, o indigenista Orlando Villas-Boas, o escritor pernambucano Hermilo Borba Filho, o político e intelectual André Foster, o pensador católico mineiro Edgar da Mata Machado e alguns do chamado grupo dos autênticos do MDB, entre eles o deputado federal do Paraná, Alencar Furtado e o deputado federal pela Bahia Chico Pinto, ambos cassados pelo AI-5 posteriormente. Espaço importante também para afirmação de uma nova geração de ilustradores e cartunistas como Jayme Leão, os irmãos Chico e Paulo Caruso, Elífas Andreato, Angeli entre outros.

Os idealizadores deste projeto, podemos destacar o jornalista Raimundo Rodrigues Pereira (Editor), Francisco Marsiglia (Diretor de Operações), Antônio Carlos Ferreira (Diretor Responsável), Bernardo Kucinski e Marcos Gomes (ambos Editores Especiais) com sede em São Paulo e distribuído para outros estados com suas devidas sucursais como em Brasília, Rio de Janeiro, Belo Horizonte e Salvador. Apoiado em movimentos populares, ***Movimento*** seguiu sendo publicado até 1981 com suas reportagens, frequentemente tinha o seu material censurado e enviado para o Ministério da Justiça e Serviço Nacional de Informações até o fim da censura prévia, mas sofrendo problemas econômicos, contínuas disputas políticas que

envolveram os produtores do jornal, estar incluído em uma lista negra de fazerem uma “propaganda do comunismo” pela extrema direita começam a ocorrer ameaças e atentados a jornaleiros como incêndios em suas bancas, obrigando-os a deixar de vender os jornais alternativos e com o abrandamento da censura, jornais como “*Movimento*” enfrentam competidores com melhores condições econômicas e administrativas. Raimundo Pereira propôs o fechamento deste jornal em assembleia do jornal no fim de 1981, atribuindo os fatos a falência financeira.

O interesse pelo *Jornal Movimento* como fonte e objeto de pesquisa se deu de uma forma muito inusitada. Estávamos como estagiários sob as orientações do prof. Antônio José Barbosa de Oliveira no Projeto de Revitalização da Biblioteca da Residência Estudantil da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), em meio ao trabalho de higienização e separação do acervo existente no local, encontramos 3 caixas contendo diversas edições deste jornal em bom estado apesar de vários agentes biológicos afetarem algumas edições, logo chamando a nossa atenção pelo valor histórico e informacional e diante disto a ideia de utilizar o jornal como tema deste Trabalho de Conclusão de Curso.

O trabalho se dá na forma da divulgação dos acontecimentos na relação da forma de informação, memória social, discurso político e do discurso de mídia impressa junto aos seus leitores, mesmo sendo restringida pela ditadura militar impondo uma censura prévia aos artigos do periódico, sendo necessárias diversas formas de burlar os setores de censura e desta forma conseguir informar o público das notícias sobre os fatos que tanto interessavam a esta massa leitora.

Tais relações citadas acima nos levam a uma reflexão sobre a forma contextual e informacional deste tabloide semanal durante o período da ditadura civil militar, colocada nas relações efetuadas aos leitores como forma de expressar o conhecimento através de uma linguagem simples e popular ao máximo possível de leitores em um momento onde ainda não se falava em Sociedade da Informação, mas a informação e conhecimento já tinham valor naqueles períodos como nos tempos atuais.

## **1.1 Justificativa**

A escolha deste assunto se deve ao contexto social e informacional de um periódico que surge em um universo da Imprensa Alternativa ou Imprensa Nanica na década de 70

durante a ditadura civil militar como também pós-ditadura civil militar, desta forma se tenha um embasamento de reflexões sobre a memória social, o discurso político e midiático como também a informação dos acontecimentos ocorridos nos chamados “Anos de Chumbo” em relação ao *Jornal Movimento*. Tal suporte impresso teve sua importância informacional mesmo tendo o Estado um forte controle dos meios de comunicação de massa atuando com desejo de protagonizar transformações na sociedade através desta mídia impressa.

A importância pela pesquisa e escolha deste assunto está na relação que ocorre pela Imprensa Alternativa no caso o *Jornal Movimento* junto aos leitores, causando reflexões que podem ter influenciado na memória social das comunidades ligadas as informações e conhecimentos fornecidos por este tabloide e por sua ideologia relacionada nos discursos político e midiático em seus artigos mesmo com a atuação da censura.

## **1.2 Objetivos:**

### **1.2.1 Objetivo Geral:**

Entender como se dá a relação das informações fornecidas pelo periódico em um cenário de repressão, trabalhando aspectos da memória social, discursos e sentidos efetuados nestes tabloides junto à massa leitora destes suportes.

### **1.2.2 Objetivos Específicos:**

- a) identificar as fontes de informações utilizadas pelos jornalistas;
- b) perceber as estratégias para burlar os departamentos de censura do estado;
- c) trabalhar os aspectos da memória social causada pelo periódico durante a sua circulação;
- d) entender o aparato do discurso informacional no âmbito das mídias em especial a mídia impressa;
- e) traçar relações entre um discurso político e as ideologias políticas expostas neste jornal.

## 2 REFERENCIAL TEORICO

Neste segmento do nosso trabalho teremos no referencial teórico a possibilidade de fundamentar, dar consistência a todo o estudo que será feito tendo a função de nortear a pesquisa, apresentando um embasamento da literatura já publicada sobre o mesmo tema, demonstrando o conhecimento suficiente em relação a pesquisas relacionadas e a tradições teóricas que iram apoiar e dar base ao nosso estudo sobre o periódico em questão. Diante da perspectiva do contexto informacional efetuado pelo *Jornal Movimento* junto aos seus leitores, tal referencial é exposto neste projeto conforme abaixo:

- a) imprensa alternativa;
- b) memória social;
- c) discurso midiático e político;
- d) informação.

### 2.1 Imprensa Alternativa

No Brasil, o ano de 1968, foi caracterizado pela intensificação da repressão militar devido às manifestações ocorridas como: movimentos estudantis, passeatas, oposição armada e rebeldia generalizada no mundo com a proliferação das ideias contra culturais. Entre os meios encontrados para a expressão livre, estava a chamada imprensa alternativa designada também de underground, tropicalista, marginal, nanica, não alinhada, emergente, poesia jovem, usados genericamente como sinônimos perfeitos de produção literária independente (MICCOLIS, 1986, p.61 apud BARROS, 2003, p.63).

Esse tipo de jornalismo brasileiro do final dos anos 60 e início dos anos 70 recebeu influências da contracultura norte-americana e do *new journalism* ao abordar questões comportamentais e sociais com um novo olhar, aberto às transformações ocorridas no mundo em todas as instâncias. Surgem não apenas novos conteúdos abordados da forma advinda da nova visão, mas também no seu formato, na estética. Contrapunha-se aos padrões de objetividade do jornalismo tradicional americano e permitia o exercício da subjetividade e vivência das situações durante a própria reportagem (BARROS, 2003, p.63-64).

A imprensa alternativa surgiu da articulação de duas forças igualmente compulsivas: o desejo das esquerdas de protagonizarem as transformações institucionais que propunham e a busca por jornalistas e intelectuais, de espaços alternativos à grande imprensa. É na dupla oposição ao regime representado pelos militares e às limitações à produção intelectual-



jornalística sob o autoritarismo, que se encontra o nexo dessa articulação entre jornalistas, intelectual e ativistas políticos (BARROS, 2003, p. 63). Compartilhava, em grande parte, um mesmo imaginário social, ou seja, um mesmo conjunto de crenças, significações e desejos, alguns conscientes e até expressos na forma de uma ideologia, outros ocultos, na forma de um inconsciente coletivo. À medida que se modificava o imaginário social e com ele o tipo de articulação entre jornalistas, intelectual e ativistas políticos, instituíam-se novas modalidades de jornais alternativos.

Segundo Kucinski (1991, p.5-6) o autor mostra que havia basicamente, duas grandes classes de jornais alternativos. Alguns, predominantemente políticos, tinham raízes nos ideais de valorização do nacional e do popular dos anos de 1950 e no marxismo vulgarizado dos meios estudantis nos anos de 1960. Em geral pedagógico e dogmático, os jornais alternativos políticos foram, no entanto, os únicos em toda a imprensa brasileira a perceberem os perigos do crescente endividamento externo, ainda em 1973, e o agravamento das iniquidades sociais. Revelaram novos personagens do nosso cenário, como os boias-frias, protagonizaram em suas páginas os movimentos populares de reivindicações e de protesto e discutiam os temas clássicos das esquerdas, como o do caminho da revolução brasileira e as táticas e estratégias de oposição durante o longo processo de abertura. Tanto a linguagem dogmática da maioria dos jornais políticos, formulada de modo canônico, como sua postura pudica, refletiam o marxismo de cunho religioso e os preceitos morais do Partido Comunista do Brasil (PCdoB), predominante durante a maior parte do ciclo alternativo. Diversamente da contracultura norte-americana dos anos de 1950 e 1960, que deixara pouco espaço para o que Theodore Roszak chamou de “marxistas antigos que continuavam a soprar as cinzas da revolução proletária esperando por uma faísca”, as esquerdas brasileiras, oprimidas pela ditadura, não tiveram tempo para preencher as dimensões psíquicas do ideal revolucionário.

A outra classe de jornais alternativos tinha suas raízes na rejeição à primazia do discurso ideológico. Mais voltados à crítica dos costumes e à ruptura cultural, investindo principalmente contra o autoritarismo na esfera dos costumes e o moralismo hipócrita da classe média. Kucinski (1991, pp. XIX-XV) fala das principais influências sofridas pela imprensa alternativa existencial, estereotipada por muitos como “*jornal dos costumes*”:

“(…) a crítica comportamental e a ruptura cultural tinha suas raízes nos movimentos de contracultura norte-americana e, através deles, no orientalismo, no anarquismo e no existencialismo de Jean Paul Sartre que investiam contra o autoritarismo na esfera dos costumes e no alegado moralismo da classe média”.

Corresponde também a algo que não está ligado a política dominante, a uma opção entre duas coisas reciprocamente excludentes; a única saída para uma situação difícil e

finalmente, ao desejo das gerações dos anos 60 e 70 de protagonizarem as transformações sociais que pregavam (KUCINSKI 1991 apud BARROS, 2003, p.63).

Em contraste com a complacência da grande imprensa para com a ditadura militar os alternativos cobravam com veemência a restauração da democracia e do respeito aos direitos humanos e faziam críticas ao modelo econômico, inclusive nos anos de seu aparente sucesso, durante o chamado “*milagre econômico*”, de 1968 a 1973, por isso o aparelho militar distinguia os jornais alternativos dos demais, perseguindo-os e submetendo os que julgavam mais importante a um regime especial, draconiano, de censura prévia, sendo considerados pelos serviços de segurança como inimigos: “*Organizações de Frente*” do comunismo internacional, que tinham por tarefas “isolar o governo” e “difundir o marxismo”.

A imprensa alternativa também pode ser considerada como um conjunto de alternativos basistas, em que jornalistas jovens em busca de trabalho se articulavam a um movimento de base ou sindical, por sua vez articulado a ativistas políticos em fase de recuo ideológico, pode extrair um conceito de imprensa alternativa como sendo ela própria um movimento de base. Um movimento de base jornalística, cuja reivindicação específica é a de praticar um determinado tipo de jornalismo possível apenas fora do mercado convencional.

Distinguem-se dos alternativos portadores de projetos nacionais de transformação cuja primazia é o projeto nacional. Nesses jornais basistas a prática jornalística a ser alcançada é o seu próprio fim, sendo a transformação da sociedade um de seus valores referenciais. Prática que se apoia nos movimentos sociais e enfatiza a “*contrainformação*”, como a informação que é negada do povo por parte da imprensa dominante.

Nessa categoria distinta de imprensa alternativa, os jornalistas são os protagonistas principais, valendo-se dos movimentos populares para operar sua auto realização como jornalistas. Conseguem se articular porque há uma complementaridade de imaginários: o desejo de praticar um jornalismo livre e que não reproduzisse as relações verticais transmissoras versus emissor consideradas como típicas da imprensa convencional (e mesmo da imprensa alternativa em algumas de suas outras modalidades) atende às necessidades de expressão dos movimentos populares. Por isso, nesses projetos, o referencial é menos um alinhamento ideológico ou uma articulação política e mais uma prática jornalística. Nesse sentido foram as mais importantes tentativas de construção de um jornalismo alternativo, apesar do caráter paroquial de suas propostas editoriais, e de refletirem certamente uma estratégia de recuo tanto do jornalista em relação aos meios de comunicação de massa, como dos ativistas políticos em relação aos projetos nacionais.

Como se tivesse um cataclisma, quase todos os jornais alternativos que circulavam entre 1977 e 1979 deixaram de existir a partir de 1980-1981. Desde os grandes alternativos nacionais surgidos ainda em 1975, até os basistas da última geração, voltados aos movimentos populares e a reportagens. Desapareceram independente da natureza da sua articulação, da qualidade do projeto, do acerto ou insucesso de suas propostas editoriais e soluções operacionais.

Uma das perguntas cruciais que se tenta responder, porque desapareceram tão repentinamente os jornais alternativos, mesmo aqueles com um acervo de muitos anos? Uma resposta corrente, incorporada pelo senso comum, é a de que esses jornais faziam parte da lógica da ditadura. Sua única razão de existir era a Resistência. Não tinham porque sobreviver ao regime militar. Subjacente a esse raciocínio está um modelo reativo de imprensa alternativa parcialmente corroborada pelos fatos como um sistema termodinâmico no qual a cada aumento ou diminuição da pressão autoritária corresponderia um aumento ou diminuição da atividade alternativa.

A falha desse modelo está em atribuir a uma lógica única e exógena, a gênese e a morte da imprensa alternativa, fenômenos que devem ser buscados principalmente no imaginário de seus protagonistas, daqueles que a fizeram e não nas ações daqueles que não a quiseram. A repressão, os sequestros de edições, a censura prévia, os processos políticos, tudo isso precipitava crises latentes dentro dos jornais; raramente foram as causas diretas do seu fechamento.

Efetivamente, com a abertura, a grande imprensa não foi só recriando uma esfera pública, como o feito, mas apropriando-se de temas até então exclusivos da imprensa alternativa, e recontratando muitos dos seus jornalistas. Opor-se ao governo deixou de ser monopólio da imprensa alternativa. Além disso, a retomada da atividade política clássica, no âmbito dos partidos e de seus jornais, que após a decretação da anistia saíram da clandestinidade, esvaziou a imprensa alternativa de sua função de espaço de realização sociopolítica (KUCINSKI, 1991, p.12).

É o fracasso dessa alternativa, mais do que o de qualquer outro, que aponta para o encerramento da possibilidade da uma imprensa alternativa (KUCINSKI, 1991, p.86).

Durante o período militar surgiram mais de 150 tabloides relacionados a esta imprensa alternativa, mas poucos conseguiram sobreviver além da primeira edição, por isso podemos citar alguns como *O Movimento* (1975) objeto e fonte da nossa pesquisa, *O Pasquim* (1969), *Bondinho* (1970), *Politika* (1971), *Opinião* (1972), *Ex* (1973), *Versus* (1975), *Coojornal* (1970), entre outros.

Segundo Kucinski (1991, p.15) se faz uma reflexão final sobre a imprensa alternativa,

“O desaparecimento quase total e repentino da imprensa alternativa parece ter sido premonitório, corroborando a tese de que essa imprensa, por estabelecer pontes entre organizações e a sociedade, antecipa as grandes transformações. Nesse caso, por raciocínio inverso, podemos entender o próprio surgimento da imprensa alternativa dos anos de 1970 como uma das últimas grandes manifestações da utopia no Brasil. Estimulado pelo surgimento da ditadura, mas com direito próprio de existência na história”.

## 2.2 Memória Social

Este trabalho parte do pressuposto de que a memória é algo socialmente construído. Considera-se a perspectiva de Maurice Halbwachs em que

o caráter social da memória deixa entrever que a memória é coletiva. No entanto, a memória individual é uma manifestação singular do coletivo, precisando perceber que a singularidade da memória individual, mesmo que a sua constituição tenha origem social. A memória coletiva pode se referir tanto à memória de todos os membros de uma determinada sociedade quanto a grupos sociais no seu interior. No entanto as lembranças coletivas, quando evocadas, possuem os mecanismos de seleção que são de caráter social: valores, sentimentos, pressão social, etc., e, por conseguinte, sua constituição é social, tal como ocorre com o indivíduo, e possuem elementos que são constitutivos de toda uma sociedade. Assim podemos falar de uma memória social, compreendendo por este termo a consciência social virtual em uma determinada sociedade. HALBWACHS (1990 apud VIANA, 2006, p.9)

Podemos considerar também que “a memória social deve ser entendida como um fenômeno construído coletivamente e submetido a flutuações, transformações e mudanças constantes.” (POLLAK, 1992, p.2). Diante do que foi exposto anteriormente podemos perceber que a memória é, em parte, herdada, não se refere apenas à vida física da pessoa. A memória também sofre flutuações que são função do momento em que ela é articulada, em que ela está sendo expressa.

Segundo POLLAK (1992, p.5), “a memória é um fenômeno” construído social e individualmente, quando se trata da memória herdada, podemos também dizer que há uma ligação fenomenológica muito estreita entre a memória e o sentimento de identidade, sendo a memória um elemento constituinte do sentimento de identidade, tanto individual como coletiva e também um fator importante do sentimento de continuidade e de coerência de uma pessoa ou de um grupo em sua reconstrução de si.

A memória também é constituída por pessoas, personagens. Aqui também podemos explicar o mesmo esquema, falar de personagens realmente encontradas no decorrer da vida, de personagens frequentadas por tabela, indiretamente, mas que, por assim dizer, se

transformam quase que em conhecidas, e ainda de personagens que não pertenceram ao espaço-tempo da pessoa. Na memória mais pública, nos aspectos mais públicos da pessoa, pode haver lugares de apoio da memória, que são lugares de comemoração. Os monumentos aos mortos, por exemplo, podem servir de base a uma lembrança de um período que a pessoa viveu por ela mesma, ou de um período vivido por tabela, locais muito longínquos, fora do espaço-tempo da vida de uma pessoa, podem constituir lugar importante para a memória do grupo, e, por conseguinte da própria pessoa, seja por tabela, seja por pertencimento a esse grupo.

Esse três critérios, acontecimentos, personagens, e lugares, conhecidos direta ou indiretamente, podem obviamente dizer respeito a acontecimentos, personagens e lugares reais, empiricamente fundados em fatos concretos. Mas pode se tratar também da projeção de outros eventos, o que ocorre nesse caso é, portanto transferências, projeções. Além dessas diversas projeções, que podem ocorrer em relação a eventos, lugares e personagens, há também o problema dos vestígios datados da memória, ou seja, aquilo que fica gravado como data precisa de um acontecimento. Em função da experiência de uma pessoa, de sua inscrição na vida pública, as datas da vida privada e da vida pública vão ser ora assimiladas, ora estritamente separadas, ora vão faltar no relato ou na biografia.

Também podemos citar uma das mais belas passagens sobre memória, no qual o escritor francês Marcel Proust em sua obra *“Em busca do tempo perdido”* (1913) diz “Mas quando nada subsiste de um passado antigo, depois da morte dos seres, depois da destruição das coisas, sozinhos, mas frágeis porém mais vivazes, mais imateriais, mais persistente, mais fiéis, o aroma e o sabor permanecem ainda por muito tempo, como almas, chamando-se, ouvindo, esperando, sobre as ruínas de tudo o mais, levando sem se submeterem, sobre suas gotículas quase impalpáveis, o imenso edifício das recordações”.

Na cultura contemporânea ocidental há uma busca enorme sobre o passado principalmente a partir do século XX onde o cientista social Andreas Huyssen diz que este século em especial foi marcado pelo *“boom da memória”* devido à preocupação das Ciências Sociais que segundo ele os últimos cem anos assistiram a uma intensa criação de *“mercados da memória”*, que passam pela museificação, pela comercialização do passado pela via mídia, pela tentativa de reciclar o tempo no impulso em direção à memorialização, entre outras iniciativas de se recuperar *“o aroma e o sabor”*, partilhando do mesmo pensamento, o sociólogo brasileiro Renato Ortiz declara também que o século XX seria o *“século das descobertas dos tempos”* nas quais se fala claramente na citação proustiana mencionada anteriormente.

Após colocarmos algumas citações sobre memória, podemos considerar também que as representações sociais presentes nos discursos da imprensa e da mídia, ou no discurso oral dos moradores mais antigos e de personalidades locais, ou ainda em fontes documentais, museus, institutos históricos, entre outros, são discursos memorialísticos produzidos na região e em cada um a memória faz lembrar e esquecer fragmentos da história. As revoluções e mudanças por que passam na vida dos seres humanos acaba tendo uma finalidade social na História que requer uma compreensão do passado que direta ou indiretamente se relaciona com o presente, tanto que segundo Thompson (1990) percebe-se que utilizar a história para finalidades sociais e pessoais construtivas vem da natureza intrínseca da abordagem oral.

Diante disto podemos dizer que a aproximação entre memória e identidade é tratada por alguns autores que nessas análises, relacionam memória e tempo, ambos de natureza social e num tempo que também é de natureza social. Sendo um sujeito histórico, recordar é um ato de coletivo, que está ligado a um contexto de natureza social e há um tempo que engloba uma construção, uma noção historicamente determinada onde a lembrança é a recordação de um tempo vivido.

Segundo Pollak (1992, p.5),

define a identidade como a imagem que a pessoa adquire ao longo da vida referente a ela própria, a imagem que ela constrói e apresenta aos outros e a si própria, para acreditar na sua própria representação e também para ser percebida da maneira que quer por outros. A construção da identidade é um fenômeno que se produz em referência aos critérios de aceitabilidade, de admissibilidade, credibilidade e que se faz por meio da negociação direta com outros, sendo memória e identidade valores disputadas em conflitos sociais e intergrupais e em conflitos que opõem grupos políticos diversos.

Considerando agora temas como memória e lembrança na qual a autora Ecléia Bosi (1987) informa que lembrar significa aflorar o passado, combinando com o processo corporal e presente da percepção, misturar dados imediatos com lembranças. A memória permite a relação do corpo presente com o passado e, ao mesmo tempo, interfere no processo atual representações. A autora ainda declara que cada memória individual é um ponto de vista sobre a memória coletiva que muda conforme o lugar que algo ocupa e que este lugar mesmo muda segundo as relações que mantenho com outros meios.

Segundo Halbwachs (1990),

destaca que pela memória o passado vem à tona, misturando-se com as percepções imediatas, deslocando-as, ocupando todo o espaço da consciência, afirmando também que a natureza da lembrança é social e que ela nos aparece por efeito de várias séries de pensamentos coletivos emaranhados, e se não podemos atribuí-las exclusivamente a estes, ela se torna independente, mas necessita de um apoio por si só para se sustentar.

Portanto, a memória construída no presente, a partir de demandas dadas por este e não necessariamente pelo passado em si, pode ser pensada como fator fundamental para a construção de pertencimentos sociais, aos mais diversos níveis associativos. De certa forma, A busca do controle sobre a memória institui uma identidade para o agente social nela envolvido, no sentido de gerar um lugar dentro de uma rede específica de circularidade e fluxo.

## 2.3 Discurso

Segundo Charaudeau (2006), na linguagem cotidiana, um discurso é uma mensagem. Trata-se do ato verbal e oral de se dirigir a um público, com o objetivo de comunicar ou expor algo, mas também de persuadir.

Para a linguística e as ciências sociais, o discurso é uma forma de linguagem escrita (texto) ou falada (conversação no seu contexto social, político ou cultural). A antropologia e a etnografia falam também de um evento de comunicação. A filosofia, por sua vez, considera o discurso como sendo um sistema social de pensamento ou de ideias.

De acordo com a cognição, o discurso é descrito como sendo um processo ou uma representação mental em que os utilizadores da língua aplicam estratégias de produção ou de compreensão antes de armazenar fragmentos do discurso na memória.

De acordo com a linha contextual deste projeto, pode-se relacionar o referencial a duas vertentes conforme abaixo:

### 2.3.1 Discurso Midiático

Segundo Charaudeau (2006 a, p.21), sob um olhar das Ciências Sociais relacionado a um ponto de vista empírico, pode-se dizer que

“as mídias de informação funcionam segundo uma dupla lógica econômica que faz com que todo organismo de informação aja como uma empresa, tendo por finalidade fabricar um produto que se define pelo lugar que ocupa no mercado de troca de bens de consumo (os meios tecnológicos acionados para fabricá-lo fazendo parte dessa lógica); e uma lógica simbólica que faz com que todo organismo de informação tenha por vocação participar da construção da opinião pública”.

Diante do que foi exposto anteriormente, CHARAUDEAU (2006 a, p.23-24) informa na sua referência teórica uma análise de discurso que se baseia no funcionamento do ato de comunicação, que consiste numa troca entre duas instâncias: de produção e de recepção. Assim o sentido resultante do ato comunicativo depende da relação de intencionalidade que se instaura entre essas duas instâncias, Isso determina três lugares de pertinência: o da instância

de produção, submetida a certas condições de produção; o da instância de recepção, submetida a condições de interpretação; o do texto como produto, que se acha, enquanto tal, submetido a certas condições de construção, sendo a primeira instância representada pelo produtor de informação (o organismo de informação e seus atores), a instância de recepção pelo consumidor da informação (diferentes públicos: leitores, ouvintes, telespectadores) e o produto pelo texto midiático (artigo de jornal, boletim radiofônico, telejornal, etc.).

Charaudeau (2006 a, p.113) considera que a imprensa é essencialmente uma área escritural, feita de palavras, de gráficos, de desenhos, e, por vezes, de imagens fixas, sobre um suporte de papel. Esse conjunto inscreve essa mídia numa tradição escrita que se caracteriza essencialmente por: uma relação distanciada entre aquele que escreve e aquele que lê, a ausência física da instância de emissão para com a instância de recepção; uma atividade conceitualização da parte das duas instâncias para representar o mundo, o que produz lógicas de produção e compreensão específicas; um percurso ocular multiorientado do espaço de escritura que faz com que o que foi escrito permaneça como um traço para o qual se pode sempre retornar: aquele que escreve, para retificar ou apagar, aquele que lê, para rememorar ou recompor sua leitura. A atividade de conceitualização é muito mais analítica do que na oralidade ou na iconicidade. Além disso, como tal atividade se acompanha de um movimento ocular que percorre seguidamente o espaço escritural do começo ao fim (e mesmo em vários sentidos), o leitor põe em funcionamento um tipo de compreensão mais discriminatória e organizadora que se baseia numa lógica hierarquizada: operações de conexão entre diferentes partes de uma narrativa, de subordinação e de encaixe dos argumentos, de reconstrução dos diferentes tipos de raciocínio (nem árvore, em contínuo, em paralelo etc.). A escrita desempenha o papel de prova para a instauração da verdade, o que não é possível para a oralidade, não recuperável e aparentemente mais efêmera.

Segundo Charaudeau (2006 a, p. 113-114),

“essas características próprias ao dispositivo da imprensa permitem compreender porque essa mídia, universo por excelência do legível, é particularmente eficaz; por um lado, nas análises e comentários editoriais, tribunas e reflexões, nas crônicas, em tudo o que se aprofunda a informação, que coloca em perspectiva e que indaga sobre as prováveis consequências dos acontecimentos; por outro lado, nas narrativas, nas notícias locais (os faits divers) e na montagem de dossiês; e ainda, nas informações dos classificados, das variedades, local por excelência de um percurso sinótico; enfim, nas manchetes, que, funcionando como anúncios sugestivos semelhantes aos slogans publicitários, são destinados a desencadear uma atividade de decifração, isto é, de inteligibilidade”.

Em relação ao discurso midiático podemos citar uma variante de gênero que seria a entrevista jornalística que possui as características de qualquer entrevista, mas, além disso, ela é especificada pelo contrato midiático; entrevistador e entrevistado são ouvidos por um



terceiro-ausente, o ouvinte, num dispositivo triangular. O primeiro tira sua legitimidade de um “Procurar fazer falar seu convidado para revelar uma verdade oculta”, pelo fato de que seu papel consiste em fazer surgir opiniões; o segundo de um “tenho algo a dizer que concerne ao bem comum”. A partir destas condições de base são postas em cena diversas variantes de entrevistas:

- Entrevista política, que se define pelo propósito de concernir à vida cidadã, e pela identidade do entrevistado;
- Entrevista de especialista, que se define por um propósito técnico concernente a diversos aspectos da vida social, econômica e científica;
- Entrevista de testemunho, que se define por seu propósito, de ser ora relato de um acontecimento considerado suficientemente interessante para ser tratado pelas mídias, ora uma breve opinião emitida em relação aos fatos da atualidade;
- Entrevista cultural, que se define igualmente por seu propósito que trata no caso, da vida literária, cinematográfica, artística, procurando penetrar os mistérios da criação;
- Entrevistas de estrelas, seu propósito diz respeito a vida das personalidades do mundo do espetáculo (atores, cantores, etc.) CHARAUDEAU (2006 a, p.214-216).

Ainda segundo Charaudeau (2006 a, p.253-254) as mídias se tornam manipuladoras para contar os acontecimentos, as mídias, como vimos, selecionam em função de três critérios: o tempo, o espaço e o acidente. Tempo, ou mais exatamente a maneira de gerenciar o tempo, que é a da urgência: um acontecimento se produz no mundo e deve ser convertido o mais depressa em notícia. Com isso, a informação resultante só pode ser efêmera e a-histórica. Em seguida, o espaço, tomado num antagonismo entre dois imaginários: o da “aldeia” e o do “planeta”. A aldeia, símbolo da força conservadora que enraíza a identidade bem funda na terra dos ancestrais, da família, dos vizinhos, dos amigos, das relações íntimas; o planeta, símbolo do desejo de expansão para outros horizontes de vida, outros campos de ação, do que é diferente, longínquo e exótico. O acidente, enfim, mas entendido como sintoma dos dramas humanos e, dentre eles, os que se caracterizam pelo “insólito” que desafia as normas da lógica, “o enorme”, que ultrapassa as normas da quantidade, o “repetitivo”, que transforma o aleatório em fatalidade; o “acaso”, que faz coincidir duas lógicas estranhas uma à outra, o “trágico”, que descreve o conflito entre paixão e razão, o “horror”, que conjuga

exacerbação do espetáculo da morte e frieza do processo de extermínio. Assim, as mídias selecionam o que participa da “desordem do mundo”.

Considerando-se os gêneros da imprensa escrita em relação ao discurso midiático o próprio Charaudeau (2006 a, p.232-234) coloca que “a imprensa é o domínio da escrita, o que quer dizer que seu campo de atividade discursiva e semiológica é o da conceitualização que se inscreve numa situação de troca monolocutiva e se organiza sobre um suporte espacial. Eis por que a imprensa tem as suas próprias exigências de visibilidade, de legibilidade e de inteligibilidade”.

- A exigência de visibilidade obriga a imprensa a compor as páginas de seu jornal de maneira que as notícias possam ser facilmente encontradas e aprendidas pelo leitor. Assim sendo, a instância midiática deve ter todo cuidado particular com a maneira de anunciar e apresentar as notícias. Isso é feito através da paginação (primeira página, rubricas, fotos, desenhos, gráficos, tabelas, tipos de colunas molduras, etc.) e da titulação (títulos, pré-títulos, subtítulos, leads). Tais elementos constituem formas textuais em si e têm uma tripla função: fática, tomada de contato com o leitor, epifânica, de anúncio da notícia, e sinóptica, de orientação ao percurso visual do leitor no espaço informativo do jornal.
- A exigência de legibilidade obriga a imprensa a um trabalho de exposição que seja o mais claro possível, a respeito dos acontecimentos que se produzem no espaço público, através dos modos discursivos do “acontecimento relatado” (feitos e ditos). Essa exigência acompanha a precedente pelas escolhas efetuadas quanto à paginação das notícias (localização, molduras, ilustrações, tipografias) e à redação de títulos. Entretanto, como a legibilidade tem a ver principalmente com o entendimento, ela se manifesta e toma todo o seu valor no modo de escritura dos artigos, devendo estes, por contrato, ser acessíveis ao maior número possível de leitores no âmbito de um alvo pré-construído. Uma das consequências dessa exigência é, entre outras, a configuração dos gêneros particulares como as notas, os boxes, as páginas de informação factual (páginas práticas), certos perfis, etc.
- A exigência de inteligibilidade, embora ligada às anteriores, aplica-se principalmente ao comentário do acontecimento. Essa também está direcionada para o entendimento, mas aqui se trata de esclarecer o porquê e como das notícias. Manifesta-se em determinados elementos da paginação

(novamente pelas molduras, pelos gráficos, etc.). Deve-se acrescentar a isso que a situação monolocutiva de troca permite ao jornalista jogar sutilmente com o eixo de engajamento; não estando em situação física de contradição imediata (não há alternância de turno de fala, logo, não há interrupção possível), ele pode desenvolver sua análise ou sua argumentação planejando-a previamente, redigindo-a num determinado espaço de maneira contínua, escolhendo suas palavras e, se necessário, corrigindo-a. A situação monolocutiva é o que distingue definitivamente essa mídia das demais. Pode-se dizer que ela se dirige diretamente ao espírito, enquanto as outras apelam mais para os sentidos.

- Entretanto, não podemos esquecer-nos da finalidade de captação do contrato de comunicação midiática que está na origem de outra exigência, a da dramatização. Ela é, evidentemente, menos admitida, pela pregnância do imaginário de credibilidade, mas todos os preceitos do ato de informação midiática são obrigados a reconhecê-la, mesmo implicitamente. A exigência de dramatização não pode ser tão claramente exposta como as outras, assim sendo, insinua-se nos modos de escritura dos artigos e particularmente nos títulos, embora isso se dê de maneira variável, dependendo da imagem que o jornal procura fazer de si.

### 2.3.2 Discurso Político

Segundo Charaudeau (2006 b. p.40-41),

“o discurso político como sistema de pensamento é o resultado de uma atividade discursiva que procura fundar um ideal político em função de certos princípios que devem servir de referência para a construção das opiniões e dos posicionamentos. Em nome dos sistemas de pensamento que se determinam as filiações ideológicas, e uma análise do discurso deve se dedicar a descrevê-los a partir de textos diversos”.

O discurso político é, por excelência, o lugar de um jogo de máscaras. Toda palavra pronunciada no campo político deve ser tomada ao mesmo tempo pelo que ela diz e não diz. Jamais deve ser tomada ao pé da letra, numa transparência ingênua, mas como resultado de uma estratégia cujo enunciador nem sempre é soberano.

Segundo Wolton (1995, apud CHARAUDEAU 2006 b, p.24) a expressão denominada de *comunicação política*, que é o “espaço onde se trocam discursos contraditórios dos três atores que têm a legitimidade para exprimir publicamente sobre política: os políticos, os jornalistas e a opinião pública conhecida por meio de pesquisas”.

Assim é determinado um espaço particular no interior do espaço público, pois nem tudo o que ai se diz e se faz é necessariamente de ordem política. Para Wolton, faz parte da comunicação política apenas os discursos “sobre os quais se estruturam os enfrentamentos”, pois acrescenta o autor, “o desafio de toda fase de comunicação política permanece precisamente na decisão e na ação política”. Note-se que Wolton fala aqui de comunicação e não de discurso político.

Diante disto se faz um rápido percurso histórico sobre os diferentes estágios vividos pela imprensa, pelas mídias e pela comunicação, propondo-se considerar que esses diferentes momentos construíram quatro modelos de comunicação que podem ser considerados princípios organizadores dos espaços públicos das sociedades liberais-democratas. Trata-se da “imprensa de opinião”, de meados do século XVIII, que caracterizava pelo engajamento político e, ao mesmo tempo, pela escrita literária e que confrontava as elites; da “imprensa comercial de massa”, da segunda metade do século XIX, que era financiada pela grande indústria e fez emergir um jornalismo voltado para os leitores cidadãos; das “mídias audiovisuais de massa”, que assumem a cena na segunda metade do século XX e caracterizam-se por dar visibilidade a todos os acontecimentos do mundo graças ao desenvolvimento tecnológico e à organização do marketing da “comunicação generalizada”, enfim, que a partir dos anos 70 invadiu o planeta transformando os desafios sociais. O autor acrescenta que esses modelos, longe de substituírem-se uns aos outros, justapuseram-se e continuam mesmo a coexistir.

Não haveria, portanto, decisão nem ação possível no campo político sem a consideração da opinião, para cuja fabricação as mídias intervêm. Encontramo-nos, assim, em um jogo em que todos mudam sob a influência da política e da opinião, o político sob influência das mídias e da opinião.

Ao se fazer um estudo do discurso político por Charaudeau (2006 b), se faz uma análise do discurso político partilha certos pontos de vista e certas noções tanto com a Filosofia Política quanto com as Ciências políticas, mas delas se diferencia por sua finalidade.

A Filosofia Política (ou a filosofia do campo político) se questiona sobre os fundamentos do pensamento político e as categorias que o compõem. Parece que o que justifica esse lugar de reflexão é uma interrogação permanente sobre os modelos de organização da sociedade. Esta é considerada um corpo de indivíduos cujas relações devem ser ordenadas em nome de um ideal do bem e da justiça, o que abre um espaço de reflexão coletiva sobre a ética, ao tentar responder á lancinante questão: “Qual é o melhor regime de Governo?” Correlativamente, a interrogação se relaciona a “quem faz o que” nessa organização social. Isso leva a pensar em termos de estruturas hierarquizadas e, portanto em

que tipo de relação deve se instaurar entre um poder governante o Estado e o restante da sociedade- a cidadania.

A Ciência Política (ou ciência do campo político) se questiona menos sobre o fundamento de um tipo de pensamento que sobre a própria ação política em relação às suas finalidades pragmáticas e a seus efeitos. Essa disciplina se encontra em cruzamento disciplinar com a História, a Sociologia, a Antropologia Social e a Filosofia Política. Ela procura tornar evidentes as normas que se instauram como princípios de governança, revelar as razões que instituem e medir seus efeitos sobre o estado das sociedades.

Desse modo, são estudados os comportamentos dos atores políticos em função da sua identidade e de seus engajamentos, os processos que conduzem a reações e a escolhas diante a irrupção de acontecimentos sociais, tais como a imigração ou o desemprego, o jogo de manipulação das massas que acompanha o avanço das doutrinas. Esses estudos têm em perspectiva a esperança de extrair não apenas lições, mas previsões para o futuro.

Segundo Charaudeau (2006 b, p.45)

o discurso político tem um duplo fundamento no plano da linguagem onde certamente existe um lugar no qual se inscreve o discurso político, aquele em que precisamente se encontram *opinião e verdade* de em uma relação dialética entre a construção da opinião, na qual desemboca o julgamento reflexivo, e a verdade, que surge da ação do ato de decisão.

É nesse lugar que se instituem comunidades múltiplas de pensamento e ação, que se definem nesse “em comum”, um em comum que é preciso considerar como uma norma de pensamento de ação intercambiada entre os membros do grupo.

Essa norma partilhada constitui a mediação social na qual se encontram os valores transcendentais que, ao mesmo tempo, fundam o julgamento e a ação, e que são construídos e transportados por um discurso que os faz circular na comunidade, construindo seu cimento identitário.

O discurso político como ato de comunicação concerne mais diretamente aos atores que participam da cena de comunicação política, cujo desafio consiste em influenciar as opiniões a fim de obter adesões, rejeições ou consensos, dedicando-se a construir imagens de atores e a usar estratégias de persuasão e de sedução, empregando diversos procedimentos retóricos. O discurso político como comentário não está necessariamente voltado para um fim político.

O propósito é o conceito político, mas o discurso inscreve-se em uma situação cuja finalidade está fora do campo de ação política: é um discurso a respeito do político, sem risco político. Em outras palavras, o discurso político manifesta-se tanto “intragoverno”,

correspondendo a um desafio de ação no qual a palavra política se faz performativa para poder governar com os parceiros diversos, quanto “extra governo”, correspondendo a um desafio de deliberação no qual a palavra circula entre esses mesmos parceiros sem que estes tenham poder de decisão. Mas tanto em um caso quanto no outro, vê-se que a linguagem se alia a ação, de forma recíproca.

## 2.4 Informação

Segundo os dicionários, a palavra informação tem múltiplos significados, dos quais podemos citar apenas alguns: 1) ato ou efeito de informar ou informar-se; 2) comunicação ou recepção de um conhecimento ou juízo; 3) conhecimento obtido por meio de investigação ou instrução; esclarecimento, explicação, indicação, comunicação, informe; 4) acontecimento ou fato de interesse geral tornado conhecimento público ao ser divulgado pelos meios de comunicação; notícia; 5) conjunto de atividades que têm por objetivo a coleta, o tratamento e a difusão de notícias junto ao público (HOUAISS, 2001, apud TAMBOSI 2005).

Como se vê, o próprio dicionário turva a distinção entre informação e conhecimento (particularmente na acepção 3) mais relaciona corretamente (nas acepções 4 e 5) informação e atividade jornalística que no nosso caso é o que nos interessa por ser objeto de pesquisa do nosso trabalho, mas temos outras considerações que também podemos utilizar em nosso referencial teórico.

Segundo CHARAUDEAU (2006 a, p.33)

o referencial do termo informação é numa definição empírica mínima, a transmissão de um saber, com a ajuda de uma determinada linguagem, por alguém que o possui a alguém que presume não possui-lo. Assim se produziria um ato de transmissão que faria com que o indivíduo passasse de um estado de ignorância a um estado de saber, que o tiraria do desconhecido para mergulha-lo no conhecido.

Outra definição de informação é feita por Le Coadic (2004, p.5), onde a informação comporta um elemento de sentido. É um significado transmitido a um ser consciente por meio de um suporte espacial-temporal; impresso; sinal elétrico ou onda sonora.

Se analisarmos em relação ao contexto do discurso estará sempre voltado para outra coisa além das regras de uso da língua. Resulta da combinação das circunstâncias em que se fala ou escreve (a identidade daquele que fala e daquele a quem este se dirige, a relação de intencionalidade que os liga e as condições físicas de troca) com a maneira pela qual se fala.

É, pois, a imbricação das condições extra discursivas e das realizações intradiscursivas que produz sentido. Descrever sentido de discurso consiste, portanto, em proceder a uma correlação entre dois polos CHARAUDEAU (2006a, p.40).

Analisando a informação no contexto deste trabalho, CHARAUDEAU (2006a, p.41) considera que a informação tem um duplo processo na mecânica de construção do sentido: O sentido nunca é dado antecipadamente. Ele é construído pela ação linguageira do homem em situação de troca social. O sentido só é perceptível através de formas. Toda forma remete a sentido, todo sentido remete a forma, numa relação de solidariedade recíproca. O sentido se constrói ao término de um duplo processo de semiotização: de *transformação e de transação*.

O processo de transformação consiste transformar o mundo a significar em mundo significado, estruturando-o segundo certo número de categorias que são elas próprias, expressas por formas. Abrange categorias que identificam os seres do mundo nomeando-os, que aplicam a esses seres propriedades qualificando-os, que descrevem as ações nas quais esses seres estão engajados narrando, que fornecem os motivos dessas ações argumentados, que avaliam esses seres, essas propriedades, essas ações e esses motivos modalizando. O ato de informar inscreve-se nesse processo porque pode descrever (identificar-qualificar fatos), contar (reportar acontecimentos), explicar (fornecer as causas desses fatos e acontecimentos).

O processo de transação consiste, para o sujeito que produz um ato de linguagem, em dar uma significação psicossocial a seu ato, isto é, atribuir-lhe um objetivo em função de certo número de parâmetros: as hipóteses sobre a identidade do outro, o destinatário-receptor, quanto a seu saber, sua posição social, seu estado psicológico, suas aptidões, seus interesses etc.; o efeito que pretende produzir nesse outro e o tipo de regulação que prevê em função dos parâmetros precedentes. O ato de informar participa desse processo de transação, fazendo circular entre os parceiros um objeto de saber que, em princípio, um possui e o outro não, estando um deles encarregado de transmitir e o outro de receber, compreender, interpretar, sofrendo ao mesmo tempo uma modificação com relação a seu estado inicial de conhecimento.

Considerando ainda as análises dos conceitos sobre informação, observamos que para que a informação possa se transformar em conhecimento temos que considerar um requisito fundamental, que a informação seja verdadeira, sendo necessário saber se as informações que alguém possui são corretas, isto é, verdadeiras. Animais, bebês e máquinas absorvem e estocam informações, que podem comunicar ou transmitir a outros, mas nenhum deles sabe se a informação que possuem é correta, pois não distinguem verdade e falsidade. Portanto, não têm conhecimento (LEHRER, 1995, apud TAMBOSI, 2005).

Temos também que situar o jornalismo diretamente a estes conceitos. Qual o objetivo básico do jornalista? O que busca um repórter que sai à rua atrás de notícia?

O jornalista está vinculado ao conceito de informação por sua própria definição como uma atividade profissional que busca a apuração, a elaboração e a difusão de informação através das diversas mídias, para o grande público ou segmentos destes, resta evidente que o conhecimento se dá apenas no produto do jornalismo, desde que a informação seja correta, ou, para repetir, verdadeira. O objetivo que move a atividade jornalística, portanto, é a informação, não o conhecimento.

O jornalismo torna público, isto é, dá a conhecer, informações que de outra forma permaneceriam opacas. É o leitor que de fato, adquire o conhecimento ao receber e processar informações corretas, através das quais pode formar representações verdadeiras da realidade, ou seja, ter crenças verdadeiras e justificadas como condições necessárias para que efetivamente se tenha conhecimento. No que diz respeito a estudos desenvolvidos no interior do campo do jornalismo, por exemplo, a informação periódica nos meios de comunicação é apontada, muitas vezes, como fonte exclusiva na obtenção de conhecimento sobre determinados temas.

A informação em um suporte impresso, no caso o Jornal Movimento pode ser dividido em dois tipos:

- **Jornalismo Declaratório:** produz informações, mas é difícil saber se são verdadeiras, por mais checadas que sejam e por mais críveis e honestas que sejam as fontes. Pode por isso induzir a crenças falsas. Nesse sentido não produz conhecimento e se as informações se comprovarem verdadeiras, então gerarão conhecimento, constituindo através do tempo um acervo precioso para uma das fontes, mas é importante ressaltar que o conhecimento, nesse caso, se dá no resultado, no produto: a notícia baseada em informações corretas.
- **Jornalismo Investigativo:** diferentemente do declaratório, é uma atividade cognitiva no processo mesmo de apuração da informação. Esse procedimento investigativo, tanto quanto o das ciências ou da investigação policial, tem a verdade como fio condutor. Mais que coletar informações, o jornalista procura conhecer, revelar um fato que até então era desconhecido, ou sobre o qual pairavam informações falsas, em outras palavras, gerará crenças verdadeiras e justificadas, isto é, representações verdadeiras da realidade, portanto, o jornalismo pode constituir-se em forma de conhecimento autônoma.



Finalizando tal estudo deste referencial podemos ainda realizar uma diferenciação entre os termos informação e conhecimento: À primeira vista, a expressão *informação jornalística* poderia parecer redundante, e de algum ponto de vista pode até ser. No entanto, não é assim se observamos a partir de outra perspectiva. Se tomado em sentido lato, o termo *informação* que procede da teoria matemática da comunicação, indica que nem toda informação é jornalística, mas somente aquela que, por reunir algumas características determinadas, é difundida através dos meios de comunicação. Neste sentido, qualquer tipo de conhecimento presente em um suporte material pode ser considerado informação (um tratado de química, por exemplo). Só quando essa informação é digna de *consideração pública*, pela sua relevância para o conjunto da sociedade (por sua importância ou seu interesse), pode ser considerada *jornalística*; ou seja, suscetível de aparecer nos meios informativos (MUNÕZ TORRES, 1997, apud TAVARES & BERGER 2010).

### **3 METODOLOGIA**

A linha de trabalho deste projeto está ligada a uma pesquisa descritiva feita diretamente no acervo deste periódico que contém 334 edições semanais em um período de seis anos e meio (7 de julho de 1975 a 23 de novembro de 1981).

- a) Será feito uma relação descritiva das manchetes destas edições.
- b) Serão relacionadas algumas manchetes destas primeiras paginas para aplicação dos conceitos constantes no Referencial Teórico.
- c) A análise estará centrada nos referenciais teóricos do discurso político e discurso das mídias apontado por Charaudeau (2006).

#### **3.1 Campo Empírico**

Jornal Movimento

#### **3.2 Técnicas de Coletas e Análises de Dados**

A coleta de dados está concentrada em pesquisa documental de artigos, livros e as 334 edições do periódico em questão.

#### **3.3 População/ Amostra**

O nível de abrangência deste trabalho está relacionado à amostra de dez edições, por estarem ligadas a determinadas características do Jornal Movimento nas suas 334 edições em um período de 07 de Julho de 1975 a 23 de Novembro de 1981.

#### 4 ANÁLISE DO CORPUS SELECIONADO: O QUE AS CAPAS NOS DIZEM.

Escolhidas dez edições para análises dos teores das manchetes em suas capas, procurando mostrar o pensamento e a linha de ação em suas matérias do seu corpo editorial e de redação no semanário em capas pontuais no decorrer dos seus seis anos e meio de tiragem, tendo três anos sob censura e suas dificuldades logísticas demonstradas nestas edições. Tal análise além do teor da manchete também será relacionada em relação aos referenciais teóricos de trabalho, de tal forma identificando estes pontos nas edições escolhidas.

A escolha por tais capas deveu-se aos seus aspectos históricos, como também os valores informacionais sobre assuntos ou personagens que tiveram ou têm grande visibilidade no contexto nacional.

##### 4.1 Análises dos teores das Manchetes

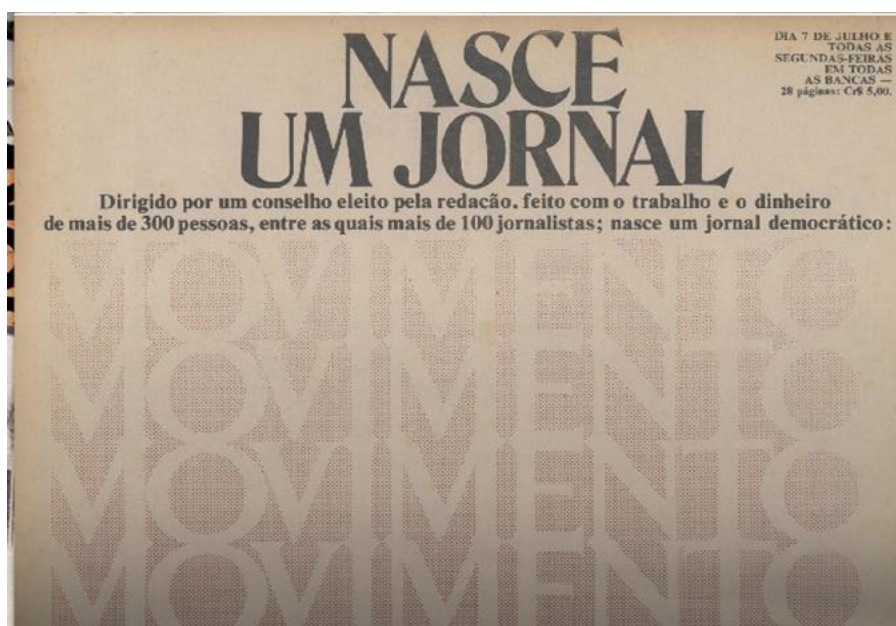


Figura 1: Edição Especial de inauguração em Julho de 1975

Fonte: AZEVEDO (2011, DVD)

Segundo o próprio Editor-Chefe Raimundo Pereira, descreve nesta edição como seria o semanário e quais suas funções junto ao seu público leitor e corpo técnico que fazia parte deste jornal.

Um projeto de jornalismo independente, sendo como o próprio dizia “O jornal dos jornalistas” que passa por vários jornais e chega a uma equipe de 70 redatores, cerca de

duzentos acionistas, entre os quais mais de 100 jornalistas. Um jornal dirigido por um conselho eleito pela redação, propondo-se a narrar e comentar os acontecimentos da semana, descrever a cena brasileira e as condições de vida das massas, sendo um jornal democrático.

Esta edição também relata a criação de um conselho editorial com nove personalidades *democráticas representativas da política e cultura brasileira*, destacando-se o sociólogo e economista o futuro presidente do Brasil Fernando Henrique Cardoso; o músico e compositor Chico Buarque; o indigenista Orlando Villas Boas; os deputados federais pelo Paraná Alencar Furtado e Chico Pinto pela Bahia.

O jornal Movimento descreve nesta edição como principais objetivos:

- Apresentar, analisar e comentar os principais acontecimentos políticos, econômicos e culturais;
- Descrever a cena brasileira, as condições de vida da população brasileira;
- Acompanhar a luta dos brasileiros pelas liberdades democráticas, melhoria da qualidade de vida da população, contra a exploração do país por interesses estrangeiros, pela divulgação dos reais valores artísticos e culturais do povo, pela defesa de nossos recursos naturais e por sua exploração planejada em benefício da coletividade.

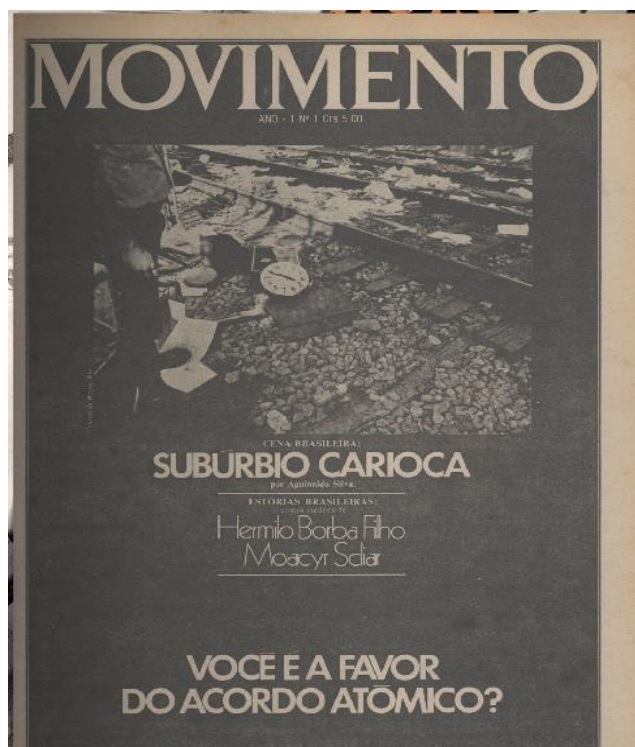


Figura 2: Edição nº 1- 07/07/1975

Fonte: AZEVEDO (2011, DVD)

O jornal Movimento já nasceu sob a censura, pois teria que mandar as matérias para os departamentos de censura de acordo com o processo de censura prévia aos meios de comunicação AI-5 (Ato Institucional nº5), diante disto, esta edição quase não pode circular para revenda, pois a matéria sobre o incêndio de vagões da Central do Brasil conforme lógica do Ministro da Justiça, Armando Falcão incitava o povo a incendiar e depredar os trens. Diante deste empecilho tiveram que refazer tal matéria após cortes ocorridos pelos censores.

A capa é dividida em dois tópicos no qual a matéria “Subúrbio Carioca” mostra o quebra-quebra nos trens que saíam atrasados da Central do Brasil escrito por Agnaldo Silva e o segundo tópico trazia as questões incômodas em contraposição ao “aplausos gerais” sobre o acordo nuclear Brasil-Alemanha, tanto da oposição quanto da situação. Para o jornalista Bernardo Kucinski, o sigilo nas negociações levantava dúvidas sobre a seriedade da coleta de informações, já que os maiores especialistas do Brasil não haviam sido consultados.



Figura 3: Edição 61- 30/08/1976

Fonte: AZEVEDO (2011, DVD)

Edição feita logo após o falecimento do ex- presidente do Brasil Juscelino Kubitschek (1956-1961) durante viagem de carro na rodovia Presidente Dutra na altura da cidade

fluminense de Resende e segundo as autoridades de então, teria sido um mero acidente automobilístico em 22/08/1976.

O Jornal Movimento convidou o historiador Nelson Werneck Sodré e os jornalistas Carlos Castello Branco, Francisco Pinto, Pompeu de Souza e Tristão de Athayde para falarem sobre Juscelino Kubitschek (12/09/1902-22/08/1976) em relação aos aspectos sociais e políticos durante os seus mandatos de Presidente (31/01/1956-31/01/1961); Senador (01/02/1963-08/08/64); Governador de Minas Gerais (31/01/51-03/03/1955); Deputado Federal no qual teve dois mandatos (01/02/46-30/01/1951 e 03/05/1935-10/11/1937) e Prefeito de Belo Horizonte MG (23/10/1940-30/10/1945).

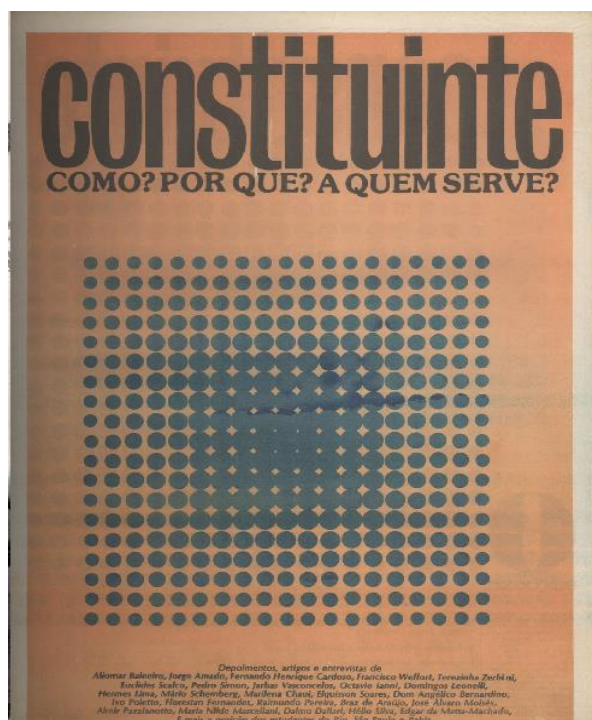


Figura 4: Edição Especial de Agosto – 1977

Fonte: AZEVEDO (2011, DVD)

Esta edição especial foi lançada em agosto de 1977 com 40 páginas, contendo depoimentos e artigos de 25 representantes da oposição, intelectuais, deputados, jornalistas, religiosos e estudantes, tendo uma tiragem de 40 mil exemplares e vendido separadamente do jornal em todo o país e desta forma fugir da censura, servindo também de instrumento de divulgação da campanha pela Constituinte que o jornal apoiava.

Nesta edição podemos encontrar artigos como o de Francisco Pinto e Teodomiro Braga intitulado “MDB e a Constituinte” que mostra que após o Pacote de Abril de 1977, a cúpula do MDB aceitou debater o tema com as suas bases, tendo o próprio Tancredo Neves, um dos



mais conservadores dirigentes do MDB, quando Geisel decretou o recesso do Congresso, admitiu que não via outra saída para o partido "senão abraçar a bandeira da Constituinte".

Entre os convidados podemos citar Aliomar Baleeiro, Jorge Amado, Fernando Henrique Cardoso, Mario Schemberg, Marilena Chauí, Dom Angélico Bernardino, Therezinha Zerbini, Pedro Simon, Jarbas Vasconcelos, Octávio Ianni, Florestan Fernandes entre outros.

Esta edição veio programar o tema da Constituinte, no qual apareceu pela primeira vez no Jornal Movimento na edição nº 25, de 22 de dezembro de 1975, num ensaio popular intitulado de: "A Constituinte é uma posição justa? Viável? Agora? Quando?".

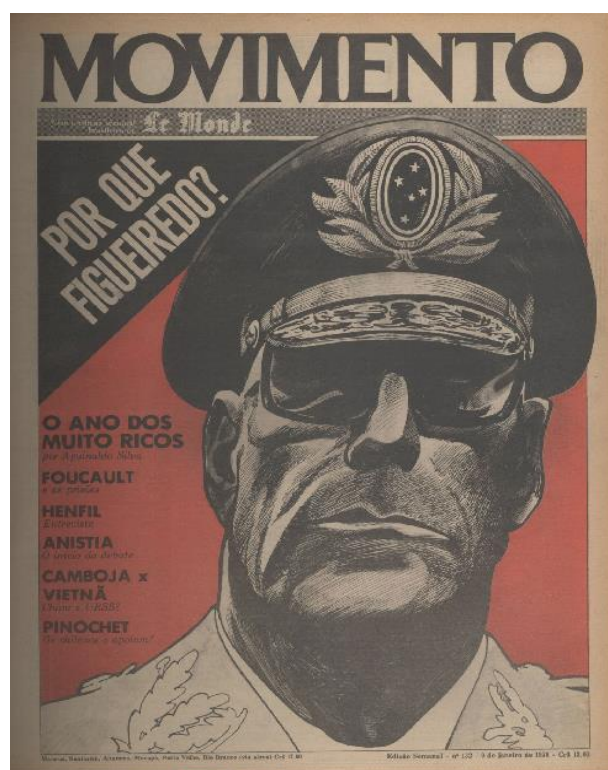


Figura 5: Edição 132 – 09/01/1978

Fonte: AZEVEDO (2011, DVD)

Esta edição mostra os bastidores da indicação do general João Batista Figueiredo chefe do Serviço nacional de Informação (SNI) e posteriormente pelo presidente Geisel.

A candidatura do general Figueiredo aparece como a continuidade do caminho traçado por Geisel e também manter o esquema de forças que apoiam o regime e tendo como principais articuladores desta indicação o general Golbery (Chefe da Casa Civil), Humberto Barreto (Presidente da Caixa Econômica) e Heitor de Aquino (secretário particular do presidente).

Movimento reproduz algumas frases do general em entrevista a Folha de S. Paulo sobre assunto que se questionavam naquele período como:

- Sobre a presidência da República: “Só vou obrigado. Não acho que seja o melhor”.
- Sobre o AI-5: “Não se pense que o AI-5 é a melhor solução para o governo, pois não é. O arbítrio funciona como se fosse uma bomba relógio. O ônus do autoritarismo é desgastante”.



Figura 6: Edição 141 – 13/03/1978

Fonte: AZEVEDO (2011, DVD)

Nesta edição a capa mostra a intenção do MDB (único partido de oposição legal) junto a ARENA (partido do governo) reverter os índices de candidatos eleitos nas eleições de 74 para os cargos nas Assembleias Legislativas e a Câmara de Deputados a que tinha direito que foram muito baixos, como o caso do estado do Maranhão que sequer conseguiu um candidato para disputar a cadeira no Senado.

Diante desta situação o MDB esperava alcançar índices superiores no pleito de Novembro de 78 com nomes que já tinham destaque na política como também caras novas que se destacavam na sociedade naquela altura no podemos citar alguns: Candidatura a deputado estadual teria o vice-presidente do Sindicato dos Jornalistas-SP Fernando Moraes, o



economista Eduardo Suplicy ambos no estado de São Paulo, em relação à Câmara Federal teria naquele período o deputado estadual Alberto Godman, e do presidente do Sindicato dos Jornalistas-SP Audálio Dantas entre outros.

No Caso do Senado teríamos a candidatura à reeleição do Senador Franco Montoro por São Paulo, mas surgiria na política um novo rosto que no decorrer dos anos faria parte da história do nosso país, o sociólogo Fernando Henrique Cardoso que também fazia parte do corpo editorial do Jornal Movimento como candidato ao senado também por São Paulo, esperança democrática para o Brasil e tendo nesta edição uma entrevista com o candidato no qual mostra suas ideias e pensamentos sobre a situação naquele momento de instabilidade tanto política, econômica e do terror que se passava pelos departamentos da Polícia Federal, entre respostas de FHC pode-se citar “A tarefa da oposição é unir o povo”, tendo o apoio do ainda dirigente sindical Luiz Inácio da Silva. Na votação, ficou em segundo lugar, depois de Franco Montoro, e na frente do candidato da ARENA Claudio Lembo o que lhe permitiu assumir uma cadeira no Senado a partir de 1983, quando Montoro renunciou para assumir o governo de São Paulo.



Figura 7: Edição nº155 – 19/06/1978

Fonte: AZEVEDO (2011, DVD)

Após o fim da censura ocorrida em junho 1978, a edição 154 anunciaria na capa o fim da censura em grandes letras vermelhas na capa “SEM CENSURA!” expondo os 3 anos de ativa ação dos censores em suas matérias, mas foi na edição seguinte que se pode trabalhar para expor todos os pensamentos para os seus leitores.

A edição 155, de 19 de junho de 1978, seria histórica porque foi a segunda publicada depois da queda da censura ao semanário, e a primeira para a qual houve tempo de ser preparada e que mostrava como o jornal podia ser melhor livre dela.

Como podemos verificar a capa foi dividida em duas manchetes que causavam impacto: a 1ª manchete “Retrato de um torturador” no qual fala sobre o Capitão Ubirajara, um torturador no qual a Justiça de São Paulo estava procurando para interrogatório sobre a morte do jornalista Vladimir Herzog, Ubirajara seria um nome frio, o cognome de um capitão que pelo menos desde 1972 e seguramente conforme fontes seria até janeiro de 1976, um dos principais torturadores no DOI CODI do II Exército em São Paulo.

A Justiça Federal de São Paulo a pedidos dos advogados da família Herzog, tentaram achar o capitão para que ele explicasse a morte de Vlado, porque foi ele quem mandou prender o jornalista em 24/01/1975 e no dia seguinte chamou o IML para fazer a necropsia de Vladimir, mas a até a data desta edição ainda não tinha sido ouvida no inquérito Policial Militar.

Em relação à outra manchete “Nós vimos à greve por dentro”, reportagem feita por Raimundo Pereira que conseguiu entrar na fábrica Caterpillar durante a primeira grande greve dos metalúrgicos de São Paulo, sendo o repórter confundido como operário, passando 5 horas na fábrica e entrevistando mais de 50 trabalhadores.

Entre algumas entrevistas um operário jovem e alto fala com convicção: “É a operação cebola, fazem os patrões chorarem um pouquinho”, já outro diz que em vez de cebola tinha de ser de pimenta.

As reivindicações se baseavam de outras fábricas, pois queriam um aumento d 20%, sendo que em maio já tinham tido um adiantamento d 15% por conta do aumento geral em novembro. Estes 15% deveriam ser descontados com juros, sendo que no total seria 18,8% de desconto e no final do ano se fosse, por exemplo, 39%, eles ficariam somente com 20,2% e desta forma os operários não querem e ainda querem mais 5%, a partir de julho, teriam razão?

Raimundo enfatiza que um ministro disse que as greves dos metalúrgicos paulistas eram injustas porque eles eram dos trabalhadores que ganhavam mais. O ministro tem razão? “Se você compara com a miséria do povo, é lógico que ganhamos muito” diz um rapaz moreno

claro muito calmo, que usa macacão laranja “Mas por que o ministro não compara com o custo de vida?”.

Assim continua a pergunta “A greve é justa?”.



Figura 8: Edição nº 202 – 14/05/1979

Fonte: AZEVEDO (2011, DVD)

Esta edição mostra como matéria principal, os vinte anos de história dos metalúrgicos de São Bernardo, na qual expõem os dizeres “De onde vem Lula” sendo a capa dividida em duas fotos, a primeira mostra Luiz Inácio da Silva em 1972 em festa no sindicato em maio de 1972 e a segunda a imagem de Lula à frente a frente da greve no ABC em março de 1979, mostrando e comentando a história de Lula junto ao sindicato.

A reportagem feita também por Raimundo Pereira, começando com o título “Muitos Lulas” na qual pergunta: Quem é o herói do Sindicato dos Metalúrgicos de São Bernardo do Campo e Diadema, que no final de semana passada completou 20 anos?

Raimundo fez várias entrevista com metalúrgicos que falaram sobre Lula e suas identificações com ele devido a sua história pobre no interior do nordeste, vindo para São Paulo tentar uma vida nova e de mais oportunidades e das lutas do líder sindical a frente do sindicato de São Bernardo por melhoras na classe operária das grandes fábricas localizadas na região do ABCD contra os patrões e por consequência contra o regime militar que estava à

frente do governo federal instalado desde 1964, que de certa forma influenciava positivamente junto aos empresários destas fábricas em detrimento dos operários nas questões salariais, sociais, organizar e contribuir para elevar o nível de consciência política e organizacional desta classe.



Figura 9: Edição nº 273 – 22/09/1980

Fonte: AZEVEDO (2011, DVD)

Esta edição chama atenção sobre um assunto que até os dias atuais cria discussões que chegam a passeatas pela liberação da maconha nas grandes capitais do país nos dias atuais, sendo que em 1980 o jornal Movimento procura esclarecer o tema e se devíamos condenar ou absolver o uso da maconha.

A matéria é feita pelo repórter Murilo de Carvalho no qual coloca como título “O que é preciso saber antes de acender seu baseado ou condenar a maconha”, onde coloca a informação que a “Maconha está cada vez mais na roda: 1 tonelada é consumida por dia no Brasil”.

O Murilo faz algumas entrevistas com usuários colocando assuntos em relação aos aspectos familiares e sociais do uso da maconha, como também informações pela PF, como a qual que em 1978 foram apreendidas 277 toneladas de maconha no Brasil, questionamentos para se pensar “Um país pobre tem lugar para um novo vício?”.

Também é feita entrevistas com representantes da saúde mostrando os problemas causados pelo uso deste entorpecente ao ser humano e da sociedade na qual opinam sugerindo a descriminalizar a maconha já em 1978 já tomando corpo para tal ação e no aspecto social colocando-se que “no negócio de fumar maconha, pobre é que se estrepa na verdade”, onde sempre caímos na questão que rico e classe média não é traficante e seu uso é somente consumo próprio, já para o pobre seria de ser traficante e consequentemente um bandido para a sociedade. Assim assuntos e questionamentos atuais em 2015 já comentados em 1980.

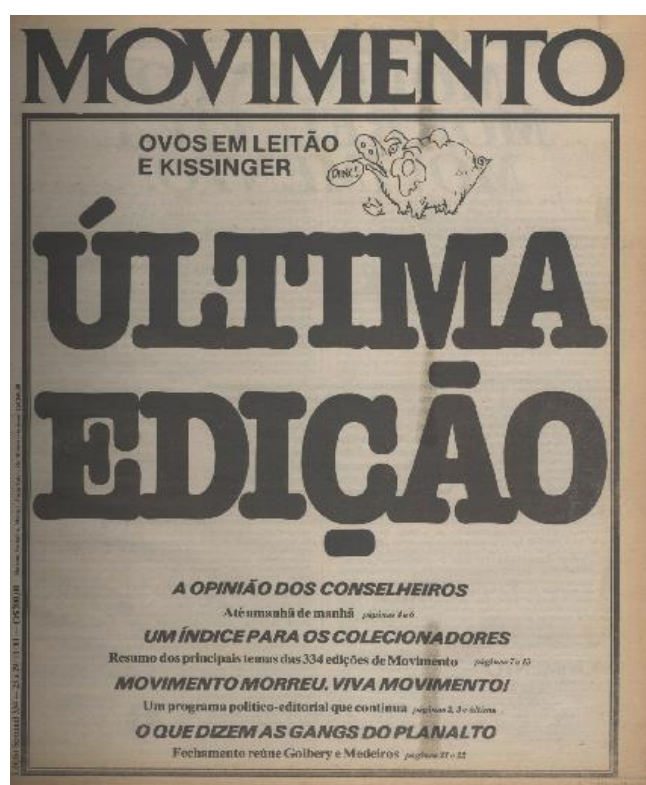


Figura 10: Edição 334 - 23/11/1981

Fonte: AZEVEDO (2011, DVD)

A capa desta edição demonstra todo o sentimento emotivo relativo ao fechamento do Jornal Movimento, que durante seis anos e meio tentou mostrar e registrar os grandes momentos tanto políticos, sociais e econômicos pelo qual passava o nosso país em plena ditadura militar, superando diversas barreiras no intuito de levar aos seus leitores de uma forma simples mas bem objetiva o pensamento de um povo e suas dificuldades.

A edição 334 saiu com 24 páginas, sendo dividida em setores como na seção opinião que trazia um artigo não assinado com o título “Movimento morreu, Viva Movimento!”, tendo dois destaques. O primeiro tratava sobre o desejo de continuidade deste semanário e o

segundo destacava reafirmando o programa político editorial e a necessidade de um jornal de frente democrática.

Seguia-se ainda com 9 páginas com um índice registrando as principais matérias publicadas ao longo dos seis anos, selecionadas por grandes temas, um resumo da vida do jornal, as lutas contra a censura, entre outras coisas.

Algumas páginas foram dedicadas às manifestações de solidariedade composta por leitores, colaboradores, jornalistas, parlamentares como os depoimentos e frases acaloradas e tristes pelo fim do jornal descritos por: Clarice Herzog, publicitária e viúva do jornalista Vladimir Herzog “Fonte indispensável de informação”; Fernando Henrique Cardoso na época sociólogo e suplente de senador “Digno”; Lysâneas Maciel, deputado federal pelo MDB cujo mandato foi cassado “Permanente credibilidade”; Miguel Arraes, político socialista, governador cassado, exilado por mais de dez anos e futuro governador de Pernambuco por mais duas vezes “Exemplo de resistência”; Luiz Inácio da Silva, até então principal líder operário do país e futuro presidente da República “Altamente importante”, entre outros.

Ainda em duas páginas apresentava algumas avaliações diferentes sobre os problemas políticos que contribuíram para o fechamento do jornal pelas escritas de Raimundo Pereira, Roberto Martins (da sucursal do Rio de Janeiro) e Washington Oliveira (da Bahia), divergências até o fim, pois afinal era um jornal democrático.

Também como forma de representação da importância deste periódico, temos no Anexo A página 89 deste trabalho, um cordel em homenagem ao Jornal Movimento “A independência e a morte de um jornal democrático”, feito por Crispiniano Neto (Casa do Cantador do Oeste Potiguar-Mossoró-RN).

O ex-editor-chefe Raimundo Pereira editou um artigo na Folha de São Paulo de 27 de novembro de 1981 conforme exposto no Anexo B página 93 deste trabalho reafirmando a sua opinião: a causa essencial do fim de Movimento foram os atentados terroristas contra as bancas de jornal. Os atentados criaram um desequilíbrio súbito e profundo nas receitas da empresa. Impediram que ela tivesse tempo para adequar-se à nova situação, já que não se poderia esperar que superasse todos os seus outros problemas instantaneamente.

Assim termina um marco na imprensa alternativa, desaparecendo um jornal, mas ficando os conceitos e as avaliações de conquistas pela democracia, sendo a voz do povo contra a intolerância e brutalidade de um regime para um país mais justo e livre.



## **4.2 Análises do teor manchetes em relação aos referenciais teóricos**

Partindo do conhecimento do teor das manchetes expostos acima, faremos a relação de cada referência teórica com os conteúdos das capas escolhidas e desta forma tendo uma visão mais direta e coerente dentro dos objetivos específicos estabelecidos anteriormente em nosso planejamento sobre o Jornal Movimento, objeto de estudo deste trabalho final de curso.

### **4.2.1 Memória Social**

Considerando os aspectos relacionados ao referencial teórico acima, temos um posicionamento sobre o conceito exposto, segundo definição de HALBWACHS (1990, apud POLLAK, 1992, p.2) no qual diz “a memória social deve ser entendida como um fenômeno construído coletivamente e submetido a flutuações, transformações e mudanças constantes” e assim fazendo uma relação junto a algumas capas deste periódico semanal.

Considerando-se diversos conceitos conforme exposto neste referencial, percebemos que a memória é fundamentalmente constituída por pessoas, personagens e acontecimentos que surgem de acordo com os fatos que se sucedem expressos nas páginas do jornal.

Em relações as capas escolhidas, os exemplos deste conceito estão bem definidos como na edição inaugural, onde se mostra o quadro de jornalistas do conselho de redação e editorial no qual se forma com um pensamento individual e uma doutrina na formação deste jornal partindo para uma memória coletiva.

A construção de uma memória social se faz nas capas que se apontam para o novo, desta forma sendo registrada para que não se esqueça de fatos relacionados a personalidades que surgiam no cenário político brasileiro daquele momento, fazendo-se referência à trajetória de vida destes personagens e assim relacionar a memória histórica com a memória social de cada personagem. Tal momento se faz nas edições 61 (falecimento do ex-presidente Juscelino Kubisctchek), 132 (candidatura a presidência do Brasil pelo General João Batista de Figueiredo candidato do governo pelo partido da ARENA), 141 (candidatura de Fernando Henrique Cardoso do partido do MDB para o senado), 155 (suposto torturador do jornalista Vladimir Herzog, vulgarmente conhecido como Capitão Ubirajara), 202 (Luiz Inácio Lula da Silva líder sindical)

Momento importante está na edição especial de agosto de 1977 buscando explicar aos leitores a importância da campanha pela constituinte, buscando na memória individual pensamentos e comentários de intelectuais e políticos da oposição sobre o assunto em questão na campanha de luta pela democracia e os fatos que ocorreram expostos na edição nº 1 são

exemplos de acontecimentos coletivos de comunidades do subúrbio carioca pelas reivindicações de melhoras sociais.

Outro aspecto do acontecimento estar relacionado à memória social tem a edição 273 onde se discute o uso da maconha já nos idos de 1980 através de uma discussão pela condenação ou liberação da maconha o que alias um assunto bem atual em tempos atuais.

Finalmente temos a última edição deste jornal, nº334 de 23 de novembro de 1981, onde se enquadra todos estes aspectos conceituais de memória individual e social, pois com o fim deste periódico os registros políticos, sociais e econômicos juntamente com os momentos de importância na história do país impressos neste jornal, os pensamentos de seus colaboradores se tornariam exemplos de uma memória coletiva na construção de uma democracia em nosso país.

#### 4.2.2 Discurso Midiático

Em relação ao referencial teórico acima, o Jornal Movimento usa o suporte de mídia em especial a imprensa escrita (jornal) utilizada como instrumento para expor os fatos e acontecimentos junto ao leitor em uma forma consistente e coerente nas suas ideias e pensamento.

Segundo Charaudeau (2006 a, p.106) “no que concerne a comunicação midiática, esses componentes permitem distinguir os três grandes suportes da mídia, que são o rádio, a televisão e a imprensa, segundo as características que lhe são próprias”.

Considerando-se a lógica econômica como uma empresa e a simbólica da mídia, percebe-se a importância de tal instrumento na fabricação de pensamentos e opiniões dentro de um contexto social, político e cultural.

Neste aspecto temos exemplos demonstrados nas edições inaugural com um discurso de fortalecimento e perspectivas atuação na informação junto ao seu publico alvo, especial de agosto (campanha pela constituinte) usando a força do periódico no fortalecimento e influência dos pensamentos de colaboradores na explicação da importância desta luta por um país mais democrático, edição nº155 (1º edição sem censura) usando um discurso de cobrança sobre fatos ocorridos até então sem as devidas vinculações para os leitores, verdades do caso de homicídio do jornalista Vladimir Herzog no DOI-CODI e o suposto retrato falado do torturador conhecido como Capitão Ubirajara e a edição final do periódico expondo toda a sua influência na mídia impressa e sua importância no processo democrático.

O discurso midiático também se torna importante no momento que a mídia coloca as informações focadas em um contexto político (fortalecimento de personagens que surgiam na



história política do país) e sociais onde as influências da mídia são expostas nas lutas do periódico junto as comunidades, de certa forma sofrem com as atuações de personagens seja pelo lado questionado pela linha de pensamento ou pela lua democrática junto as classes mais desfavorecidas pelo então governo registrados s edições nº 1, 61, 132, 141, 155, 202, 273.

#### 4.2.3 Discurso Político

Quando se fala sobre discurso político, encontramos uma amostra deste conceito, quando Charaudeau (2006 b, p.40-41) expõe

“o discurso político como sistema de pensamento é o resultado de uma atividade discursiva que procura fundar um ideal político em função de certos princípios que deveriam servir de referência para a construção das opiniões e dos posicionamentos”.

O Jornal Movimento é um ótimo exemplo deste tipo de discurso, já que por ser considerado um modelo de imprensa alternativa em um período de censura que se estabeleciam em nosso país, as manchetes demonstram este pensamento em relação à informação que seria passada para o seu leitor.

O jornal Movimento até por ter um pensamento considerado de esquerda pelo governo, mostra um discurso de influência política junto aos seus leitores, procurando construir um pensamento de oposição aos seus leitores e desta forma fazer da informação uma fonte de conhecimento e assim este leitor ter uma opinião sobre os fatos que ocorrem. Tais informações talvez não chegassem com as mesmas autenticidades pelos grandes jornais daquele momento por culpa da censura imposta pelo Governo, por isso as diversas formas de burlar a censura pelo Jornal Movimento em suas matérias.

Com o fim da censura em meados de 1978 o discurso político aflora por não precisar mais conter expressões e fatos como na edição nº 155 a primeira totalmente sem censura na qual expõem o histórico do torturador muito conhecido no meio da repressão política no país.

Em todas as edições escolhidas existe um cunho político em suas matérias, desta forma individualizar alguma edição seria redundância, pois o Jornal Movimento por si só procurava demonstrar o seu pensamento de oposição, mas escolhendo umas capas podemos destacar as edições nº132 na qual mostra um discurso político em uma entrevista do então candidato a presidência da República o General João Batista Figueiredo pela ARENA com as suas concepções de direção de governo.

Outro exemplo se mostra nas matérias das edições de nº 141 com um discurso de apresentação das novas caras do MDB nas eleições legislativas de 1978 tendo total apoio do jornal na futura eleição, também temos na edição de nº 202 uma vertente política na

apresentação de Luiz Inácio Lula da Silva que surgia como um líder em meio as deflagrações de greve dos metalúrgicos do ABCD com reivindicações de melhoria de salários e benefícios para os mesmos, tais matérias demonstram a intenção política do jornal em apoio as greves e as atitudes de luta do líder desta comunidade importante na construção de um país.

Finalmente o cunho político se instaura na última edição de nº334, até pelo lado sentimental pelo fim de um projeto de liberdade e luta pelos ideais de democracia que tanto se clamava em suas páginas, mostrou-se evidenciado nos seus artigos. Também temos diversos depoimentos políticos e intelectuais registrados nesta edição demonstrando suas opiniões de louvor e agradecimentos pelos atos de superação desde a inauguração até a última página do jornal.

#### **4.2.4 Informação**

Como objeto de estudo, o Jornal Movimento utiliza a informação na área jornalística de uma forma bem característica e diante disto podemos relembrar certos dizeres: o jornalismo quer mostrar “todo” o mundo, quer dizer “tudo” a respeito de um acontecimento ou questão, assim como quer falar “de tudo” (BUITONI, 1990, apud TAVARES & BERGER, 2010).

Mais que isso, os meios de comunicação periódicos formam, a cada dia o presente social que nos serve de referência. A mídia, nesse sentido, formaria hoje um círculo de realidade envolvente que se converte em referente diário da vida cotidiana (GOMIS, 1991, apud TAVARES & BERGER, 2010). A ideia de informação está, com frequência, vinculada à noção de notícia e tem nessa origem e explicação.

O conceito ou a palavra “informação” estão presentes a todo o momento nos estudos jornalísticos, mas pode-se dizer que não há uma grande teoria que se dedique ao termo. Na verdade, expressões como “jornalismo informativo” ou “conteúdos informacionais” aparecem, pode-se dizer, como que já “auto explicadas” pelo seu vínculo com a notícia. Quando se diz sobre notícia, automaticamente se fala em informação para o jornalismo, considerando-se os dois tipos de jornalismo, o investigativo e o declaratório tanto utilizado nas matérias de Movimento.

Uma das principais tarefas de um veículo informacional onde a informação não é imediata, por isso a necessidade da veracidade dos fatos e desta forma o leitor consiga chegar a uma conclusão e posterior um conhecimento.

Nas capas escolhidas existem as características de cada informação destacando-se a um jornalismo investigatório atuando em procedimentos de investigação policial ou social que

justifiquem verdades das informações gerando confiabilidade ao seu leitor nas edições de nº 1, 61, 132, 155, 202 e 273.

Nas edições de inauguração, 141 e 334, pode-se considerar como um jornalismo declaratório baseado em informações que ainda podem se concretizar e caso se confirme os resultados se transformam em conhecimentos e desta forma chegar um veredito final.

#### 4.2.5 Imprensa Alternativa

Considerando o aspecto de origem da aventura alternativa exposto no tópico relacionado no referencial teórico, havia a liderança de jornalistas, ansiosos por se libertarem das restrições da grande imprensa, por isso a articulação de diversas forças na formação de um espaço democrático onde jornalistas, intelectuais e ativistas políticos poderiam expor suas ideias a um público sedento por notícias que mostrassem a realidade da sociedade e suas carências e a partir desta chegar a conclusões sobre fatos e acontecimentos que surgiam em tempos confusos como aqueles durante a ditadura militar.

A situação política mundial naquele momento era propícia ao surgimento de tais contextos nas áreas sociais, políticas e culturais devido às diversas controvérsias que se instauravam em muitos países, em especial no Brasil onde se fizera uma ditadura militar civil contra os direitos democráticos almejados pela maior parte da população brasileira.

O *Jornal Movimento* é criado como o próprio conceito se diz, uma alternativa de informação, mudança na forma de se transmitir acontecimentos, mudança na atitude de se administrar sem um dono único, mas sim todos os colaboradores com voto de decisão, um “*Jornal dos Jornalistas*” e procurando-se acima de tudo a verdade ao seu público de leitores.

Dentro deste contexto, todas as capas escolhidas e com as suas respectivas manchetes mostram a vontade das esquerdas de transformações nas instituições nacionais e vontade de espaços alternativos diferente dos grandes conglomerados da imprensa que se sujeitavam as censuras existente impostas pelo AI-5.

Podemos mostrar como exemplo deste conceito qualquer das 10 capas escolhidas, pois possuem características da imprensa alternativa como: apresentar, analisar e comentar de forma limpa e integra os acontecimentos no país; descrever as cenas e as situações da população brasileiras; acompanhar lutas pela democracia e etc.

Destacamos dentro deste princípio a edição inaugural de julho de 1975 no qual se demonstra entre seus quadros de colaboradores intelectuais e personalidades importantes na luta democrática, jornalistas sedentos pela liberdade em expor suas ideias, a edição nº 1 de julho de 1975 mostrando o desrespeito do órgão controlador da Central do Brasil junto a

população pelos constantes atrasos e trens em péssimos estados de conservação, gerando quebra-quebra de estações e mesmo tendo toda a problemática da censura, conseguiu chegar nas bancas de jornal.

Após o fim da censura a edição de nº 155, totalmente sem a mão pesada da censura, pode mostrar entre suas manchetes a reportagem feita pelo editor-chefe Raimundo Pereira cobrindo a primeira grande greve metalúrgica, mostrando as reivindicações desta classe trabalhadora e desta forma o leitor ter informações reais de tais acontecimentos e assim tirar suas próprias conclusões.

Outro exemplo de uma imprensa com convicções de um dialogo social seria a edição de nº 273, onde se pede um debate sobre liberação do uso ou não da maconha e a absorção pela classe média pela maconha, causando discussões e preconceitos antes instituídas somente nas classes mais pobres da sociedade.

## 5 CONCLUSÃO

O objetivo do presente trabalho foi realizar uma pesquisa informacional contextual da importância do periódico semanal *Jornal movimento*, mostrando as relações e as formas encontradas por estes jornalistas em transmitir as informações, questionamentos, denúncias e fomentar o debate social em seus artigos junto à população que clamava por liberdade e democracia.

Tal pesquisa se realizou em referenciais que demonstraram uma retroalimentação informacional, onde a informação, memória social, imprensa alternativa, discurso midiático e político acabam se interligando em suas propostas conceituais na amostragem dos fatos ocorridos ao seu público leitor com uma linguagem de fácil entendimento e desta forma produzir um conhecimento e assim tirar as suas próprias conclusões diante dos acontecimentos naqueles momentos de tantos questionamentos às liberdades do povo brasileiro como demonstrado nas 10 capas escolhidas para exposição de uma metodologia e análise e assim entendermos como funciona tal procedimento junto ao público alvo de tal periódico.

Observamos que o jornal em questão utiliza o discurso midiático através de um meio impresso como influência de seus ideais, fortalecendo o seu consumo como qualquer empresa que necessita do lucro para a sua continuação e conseqüentemente o discurso político que aflora na utilização da informação de forma verdadeira de seus redatores, jornalistas de rua nos seus artigos e matérias, por isso a utilização do conceito da imprensa alternativa na confecção deste periódico, unindo diversas linhas de pensamento mas com algo em comum, o desejo das esquerdas de protagonizarem as transformações institucionais e da oposição de intelectuais e jornalistas na procura de espaços alternativos á grande imprensa.

Diante disto são elaboradas as identidades individuais de cada leitor, jornalista, redator, cartunista em um aspecto social e considerando que existe uma relação entre memória e sociedade, caracterizando uma memória individual e desta forma considerando os mecanismos que influenciam como valores, sentimentos, pressão social em grupos sociais que se formam produzindo a memória social dentro de uma consciência e incluída em uma sociedade.

O trabalho teve a preocupação de observar os preceitos de uma gestão de informação, no qual o bibliotecário que se forma atualmente busca a informação, considerando os diversos aspectos pelos quais utiliza para o alcance de sua principal função, a facilitação da informação e conseqüentemente o conhecimento a quem dela necessita. O *Jornal Movimento* serve como

demonstração deste intuito em uma época onde não existiam os recursos tecnológicos que tanto são utilizadas atualmente, mas procurava os mesmos desafios.

A pesquisa possibilitou o exercício de transposição de conceitos teóricos para uma dimensão material, onde a informação impressa foi enriquecida com a percepção da dimensão histórica e social. Todo veículo informacional está circunscrita a contextos sociais que também definem a natureza do conteúdo produzido.

Finalmente, o orgulho da concretização de um projeto que foi um desafio, mas nada melhor que chegar ao fim e ver que tanto trabalho, pesquisa e vontade deram um fruto que com certeza será aprimorado para uma futura dissertação, baseado em uma ideia de vários jornalistas que formaram o *Jornal Movimento*, onde a informação é a alma deste periódico, assim como o Curso de Biblioteconomia e Gestão de Unidades de Informação da Universidade Federal do Rio de Janeiro nos mostra na valorização da informação como peça importante para o alcance do conhecimento para uma sociedade mais justa e igualitária em nosso país.

## REFERÊNCIAS

- AMORIM, Célia Regina Trindade Chagas; FERNADES, Michele; TRINDADE, Raquel. Imprensa Alternativa na Ditadura Militar: um olhar jornalístico e acadêmico de Bernardo Kucinski. In: **Amazônia e o Direito de comunicar**, Belém, p.1-14, 2011.(trabalho apresentado em grupo da II Conferência Sul-Americana; VII Conferência Brasileira) 17-22 out. 2011. Disponível em <[http://www.unicentro.br/redemc/2011/conteudo/mc\\_artigos/Midia\\_Cidade\\_Amorim.pdf](http://www.unicentro.br/redemc/2011/conteudo/mc_artigos/Midia_Cidade_Amorim.pdf)>. Acessado em 1 out.2014.
- AQUINO, Maria Aparecida de. **Censura, imprensa e Estado autoritário (1968-1978): o exercício cotidiano da dominação e da resistência: O Estado de São Paulo e Movimento**. Bauru: EDUSC, 1999.
- AZEVEDO, Carlos. **Jornal Movimento: uma reportagem**. Belo Horizonte: Manifesto, 2011. Acompanha DVD com 334 edições do jornal; com reportagens de Marina Amaral e Natalia Viana.
- BARROS, Patrícia Marcondes de. A imprensa Alternativa Brasileira nos “Anos de Chumbo”. **Akrópolis-Revista de Ciências Humanas da UNIPAR**, Umuarama, v.11, n.2, p.63-66, abr./jun.2003. Disponível em <<http://www.unipar.br/akropolis/article/VewFile/332/299>>. Acessado em 1 out. 2014.
- CHARAUDEAU, Patrick. **Discurso das Mídias**. São Paulo: Contexto, 2006 a.
- CHARAUDEAU, Patrick. **Discurso Político**. São Paulo: Contexto, 2006 b.
- Disponível em: <<http://bibliotecadigital.puc-campinas.edu.br/services/e-books-MS/01-0420-M.pdf>>. Acesso em: 24 mar. 2014.
- Dicionário Houaiss**. São Paulo: Editora Objetiva, 2001.
- EPELBOIN, S. Memória individual e memória social/coletiva: considerações á luz da psicologia social. **Memorandum**, Belo Horizonte, Ribeirão Preto, v.7, p.18-31, out., 2004. Disponível em < <http://www.fafich.ufmg.br/~memorandum/artigos07/epelboim01.htm>>. Acessado em 2 out. 2014.
- HALBWAACHS, M. **A memória coletiva**. São Paulo: Vértice, 1990. Disponível em <file:///D:/BKP%20FRED/Documents/Projeto%20final%20TCC/TCC%20Jornal%20Movimento/34481-40433-1-PB.pdf>>. Acessado em 2 out. 2014.
- <http://oglobo.globo.com/brasil/reconhecido-como-capitao-ubirajara-acusado-de-ser-torturador-sera-convocado-pela-comissao-da-verdade-10185859>

- KUCINSKI, Bernardo. **Jornalistas e revolucionários: nos tempos da imprensa alternativa**. São Paulo: Scritta, 1991. Disponível em <http://www.nacorrenteza.jor.br/blog/wp-content/uploads/2012/02/jornalistas-e-revolucionarios-kucinski.pdf>. Acessado em 1 out. 2014.
- LE COADIC, Yves Francois. **A Ciência da Informação**. Brasília: Briquet de Lemos, 2004.
- POLLAK, Michael. Memória e Identidade Social. In: **Estudos Histórico**, Rio de Janeiro, v.5, n.10, p.200-212, 1992. Disponível em <[http://reviravoltadesign.com/080929\\_raiaviva/info/wp-gz/wp-content/uploads/2006/12/memoria\\_e\\_identidade\\_social.pdf](http://reviravoltadesign.com/080929_raiaviva/info/wp-gz/wp-content/uploads/2006/12/memoria_e_identidade_social.pdf)>. Acessado em 6 nov. 2014.
- SÁ, Celso Pereira. Sobre o campo de estudo da memória social: uma perspectiva psicossocial. **Psicologia: Reflexão e Crítica**, Porto Alegre, v.20, n.2, 2007. Disponível em <<http://dx.doi.org/10.1590/S0102-79722007000200015>>. Acessado em 2 out. 2014.
- TAMBOSI, Orlando. Informação e Conhecimento no jornalismo. **Estudos em Jornalismo e Mídia**, Florianópolis, v.II, n.2, 2º semestre de 2005. Disponível em <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/jornalismo/article/view/2139/1851>>. Acessado em 12 jun.2015.
- TAVARES, Frederico M.B.; BERGER, Christa. Na notícia e para além dela: sobre o conceito de informação no jornalismo. **Inf. & Soc.: Est.**, João Pessoa, v.20, n.1, p.25-37, jan./abr.2010. Disponível em <<http://www.ies.ufpb.br/ojs/index.php/ies/article/view/3768/3417>>. Acessado em 12 jun.2015.
- VIANA, Nildo. Memória e Sociedade; uma breve discussão teórica sobre memória social. In: **Espaço Plural**, n.14, p.8-10, 2006. Disponível em <[file:///C:/Users/Biblioteca/Downloads/483-1672-1-PB%20\(3\).pdf](file:///C:/Users/Biblioteca/Downloads/483-1672-1-PB%20(3).pdf)>. Acessado em 2 out. 2014



## APÊNDICE A

### Quadros das edições do Jornal Movimento (1975-1981)

Quadro 1- Edições do Ano de 1975

Edição	Data	Matéria principal da capa
Especial1	07/07/1975	Nasce um Jornal
01	07/07/1975	Subúrbio Carioca/Você é a favor da Bomba Atômica?
02	14/07/1975	Uma sepultura para Araceli.
03	21/07/1975	Central do Brasil, neve, geadas, enchentes e política econômica.
04	28/07/1975	Teria o ministro Severo Gomes descoberto o imperialismo.
05	04/08/1975	Análise do discurso do Presidente Geisel/Entrevista c/ o Senador Brossard/ Comentário do Governador Aureliano Chaves (MG) s/presidente do SINDIPEÇAS-SP/ Entrevista c/ João Acelino meeiro no noroeste de minas.
06	11/08/1975	A oposição depois da distensão.
07	18/08/1975	O festival de besteiras que assola o País (Jarbas Passarinho, José Bonifácio e Dinarte Mariz) / Qual a taxa de democracia no Brasil?
08	25/08/1975	Salários: Radiografia da política salarial brasileira.
09	01/09/1975	Pode a economia brasileira resistir a uma dívida externa de 21,5 bilhões de dólares?
10	08/09/1975	Golpe no MDB
11	15/09/1975	As grandes empresas brasileiras (Brasileiras?).
12	22/09/1975	Inflação no Chile: Cortar o rabo dos outros é refresco/ Petróleo: A responsabilidade dos militares
13	29/09/1975	Pobre nordeste
14	06/10/1975	Paulo Brossard: Um liberal pelos direitos humanos
15	13/10/1975	Aos tribunais.
16	20/10/1975	Paulo Brossard: Um liberal pelos direitos humanos 2ª parte/ Gota D'Água de Chico Buarque e Paulo Dantas (trecho inédito da nova peça)
17	27/10/1975	Os novos nômades: Uma situação dos trabalhadores do campo brasileiro
18	03/11/1975	1945: A queda da Ditadura
19	10/11/1975	A Fome
20	17/11/1975	Alencar Furtado (entrevista com o deputado federal)
21	24/11/1975	Salários: As equações de Simonsen/ As

		reclamações de Marcelo Gato (CPI dos salários)
22	01/12/1975	Mistério na Formula 1 (O que a Copersucar quer esconder atrás de Emerson Fittipaldi)
23	08/12/1975	A crise econômica/ Alceu Collares: MDB fez o que pode em 75/ Wilfred Burchett: Um repórter da imprensa antimperalista/ Érico Veríssimo: (1905-1975)/ Kojak chega a Terra de Marlboro: A invasão do Brasil pelos grandes grupos internacionais.
24	15/12/1975	Marcos Freire: Um autêntico propõe uma saída para o AI-5/ Está finalmente sob controle? (A crise econômica)
25	22/12/1975	A quinta-coluna da invasão (os invasores somos nós)
26	29/12/1975	História do Brasil: entre a ciência e o samba do crioulo doido

#### Quadro 2-Edições do Ano de 1976

Edição	Data	Matéria principal da capa
27	05/01/1976	Um bê-á-bá da crise: Como entender a crise econômica mundial
28	12/01/1976	Cassações: As cassações de Gatto e Fabiano
29	19/01/1976	Ela (a pornochanchada) dá o que eles gostam?
30	26/01/1976	Ouricuri, Pernambuco: Seca.
Especial2	02/02/1976	Um ano luta
31	02/02/1976	O MDB e os sonhos/Investidas do dólar/Plantadores do Fumo/Desventuras do computador brasileiro/CIA na América Latina/Eleições: as regras do jogo
32	09/02/1976	A libertação do candomblé baiano (gringos, intelectuais e polícia no candomblé)/ O fantasma que ronda Wall-Street: dólares sobre o gelo fino/A política social do governo Geisel/ As relações Brasil-EUA
33	16/02/1976	O direito de voto no Brasil
34	23/02/1976	A história das relações Brasil-EUA: alinhamento e conflito/ O INPS: a política do arranca-dentes (ela corta o mal pela raiz?).

35	01/03/1976	Ericsson: Por que chora a Ericsson do Brasil?/ Kissinger: Brasil-EUA
36	08/03/1976	A doença do MDB: Ou as histórias de Chagas Freitas e Ney Ferreira, os patrões do MDB no Rio e na Bahia
37	15/03/1976	ESG (Escola Superior de Guerra): As tarefas para 1976
38	22/03/1976	O que é “Indústria Nacional”: O Banco Nacional de Desenvolvimento econômico e a política de fortalecimento da “indústria nacional”
39	29/03/1976	O drama argentino: A crise econômica e o fim do pacto populista/ Imaginação e Realidade: Os novos programas do Banco Nacional de Habilitação
40	05/04/1976	Cassações: Nadyr Rosseti; Amaury Muller e Lysâneas Maciel.
41	12/04/1976	A nota do MDB
42	19/04/1976	O Brasil vai voltar ao mar de 200 milhas? : A posição do Brasil na conferência da ONU sobre o mar
43	26/04/1976	A saúde da Indústria Farmacêutica
44	03/05/1976	Frei Damião: herói, profeta ou guardião do sertão/ Na Pirelli, Goodyear e Firestone a multa de 30 mil salários mínimos
45	10/05/1976	CENSURADO
46	17/05/1976	Superpopulação ou subdesenvolvimento: O melhor anticoncepcional é o desenvolvimento/ Kissinger e Simon: lógica de Cowboy: “Faça o que eu mando e não faça o que eu faço”
47	24/05/1976	Pílula nos fará fortes e ricos?/ A população e o PIB/ A Igreja e o controle de natalidade/ A política de planejamento familiar em São Paulo.
48	31/05/1976	Dívida Externa: Os novos passos para tentar paga-la / Ulisses em minas: O MDB à procura das massas.
49	07/06/1976	Que será do Xingu sem os Villas Boas?
50	14/06/1976	Alugueis: Ou paga ou desce!
51	21/06/1976	Quem mata a fome das Indústrias de alimentos?
52	28/06/1976	A guerra começou: Conflitos raciais no sul da África/ O Homem e campo: Depoimento da Confederação Nacional dos Trabalhadores na Agricultura.
53	05/07/1976	Da democracia; da livre concorrência; à democracia dos monopólios: O Bicentenário da Independência dos EUA.
54	12/07/1976	A quem servem os cientistas? : 28ª Reunião da Sociedade Brasileira para o

		progresso da Ciência em Brasília.
55	19/07/1976	Cinema Brasileiro: Dinheiro, Câmera, Ação!
56	26/07/1976	A última viagem do expresso Boia-Fria: A morte de 19 trabalhadores do campo em Araraquara-SP.
57	02/08/1976	Olimpíadas e Política/ Olimpíadas e desenvolvimento.
58	09/08/1976	Os terceiros mundos: uma imprensa para os subdesenvolvidos/ MDB: os autênticos tem futuro?/ China: Os terremotos e povo.
59	16/08/1976	O que querem os atores/ Eleições: A final o MDB quer ou não ganhar as eleições?
60	23/08/1976	A democracia moderna de Falcão
61	30/08/1976	Juscelino: Vida e Morte.
62	06/09/1976	1961-1976: Os países pobres e a política do mundo
63	13/09/1976	Mao Tse-tung: 1893-1976
64	20/09/1976	Mulher e Trabalho/ Eleições: O que o MDB gaúcho ensina a seus candidatos/ China: A sucessão de Mao
65	27/09/1976	China: Os líderes e as armas/ A Inflação e suas teorias/ A Light quer se vender caro.
66	04/10/1976	“Alguma coisa tem de mudar para que tudo continue na mesma”: o plano de Kissinger para a Rodésia.
67	11/10/1976	Corrupção: Inquérito na Assembleia Legislativa de São Paulo/ Para entender a crise do Líbano.
68	18/10/1976	Pelé; O Pelezinho, o Pelezão, a Warner Communications e a United Press/ China: A viúva de Mao e o grupo de Xangai.
69	25/10/1976	Bananas para as Multinacionais
70	01/11/1976	A farsa da independência imposta pelos brancos/A China segura seus radicais até quando?/80 anos da tragédia camponesa de Canudos/ Um retrato de Di Cavalcante.
71	08/11/1976	Eleições no Brasil/ Um ano de independência de Angola/ Jimmy Carter, uma vitória da democracia, mas que tipo de democracia?/ O voto operário nos EUA.
72	15/11/1976	Depois das Eleições: A estratégia do MDB e a participação nos municípios.
73	22/11/1976	Quem ganhou? : Como interpretar o resultado das eleições.
74	29/11/1976	A venda da Light/ A Mulher no 3º Mundo/ Nossos heróis na TV
75	06/12/1976	Quem ganhou? 2ª parte/ A venda da Light 2ª parte/ As novas e velhas rebeliões camponesas/ entrevistas com Chico Buarque, Mercedes Sosa e Elis Regina.

76	13/12/1976	Futebol: Os times do povo.
77	20/12/1976	Vem aí a nova lei do inquilinato: O que você ganha com isso?
78	27/12/1976	O trabalho da Mulher no Brasil/ Os arquivos americanos sobre março de 1964
Edição de Natal	27/12/1976	Astrologia prevê Brasil socialista/Nosso candidato a sucessão em 78/O que o povo quer: comida, bebida ,roupa, casa e democracia ( o povo não quer mais nada)

### Quadro 3-Edições do Ano de 1977

Edição	Data	Matéria principal da capa
79	03/01/1977	Paulo Pontes: 1940-1976/ A cultura brasileira em 1976/ De onde vem a Inflação e quem paga por ela.
80	10/01/1977	O Campo Brasileiro: A espera do arado/ Minérios: Os privilégios do capital estrangeiro.
81	17/01/1977	Vestibular: Como enfiar 1.000.000 de candidatos em 200.000 vagas/ Um padeiro contra o imperialismo/
82	24/01/1977	Racionalização da gasolina
83	31/01/1977	O debate das reformas políticas/ As pressões contra o acordo atômico.
84	07/02/1977	A cassação de Glênio Perez: líder do MDB em Porto Alegre/ A Constituinte de 1946 e a participação popular/ Espanha: por trás da liberalização.
85	14/02/1977	Severo Gomes e a noite dos empresários/ Terra e conflito no sertão baiano/ As relações entre Mao Tse-Tung, Chu Em Lai e a “gang dos 4”
86	21/02/1977	E agora Bagé? : para onde pode ir o MDB gaúcho?
87	28/02/1977	Invasão Cultural: De que é feita a nossa cabeça?/ A reforma do judiciário/ O MDB renuncia ao fundamental.
88	07/03/1977	Alencar Furtado: A vitória da oposição dentro da oposição/ Os empregados de Rockefeller chegam ao poder.
89	14/03/1977	Declaração Universal: Os Direitos do Homem
90	21/03/1977	As conversas entre Ulysses e

		Portella: O que o Governo oferece a oposição.
91	28/03/1977	A nova Antropologia: Da selva à Boca do Lixo
Especial 3	Abril	Em defesa das liberdades democráticas/ Independência nacional/ Elevação no padrão de vida dos trabalhadores.
92	04/04/1977	O Congresso e o Ato.
93	11/04/1977	O teatro do SESC na praça: Da cultura popular ao “pão e circo” / A crise segundo os economistas/ As reformas e o ato.
94	18/04/1977	As reformas
95	25/04/1977	1º de maio: A história dos oito heróis de Chicago/ leis Trabalhistas: Dádiva de Getúlio ou conquista dos trabalhadores?
96	02/05/1977	Constituinte: As razões e as condições/ África: A guerra e a política de descolonização.
97	09/05/1977	Carajás: O truste desiste do ferro/ Corinthians: O golpe de Vicente Matheus
98	16/05/1977	LEITE/ O fantasma da 3ª Guerra Mundial/ Denuncia vazia; lei do inquilinato é despejo?
99	23/05/1977	O comércio do sangue.
100	30/05/1977	Até onde nos leva “Modelo exportador”?
101	06/06/1977	Transporte urbano.
102	13/06/1977	Nixon e Carter: os métodos o conteúdo da política imperialista
103	20/06/1977	MDB: Um passo atrás/ Constituinte: Quando? Por quê? Para quem?
104	27/06/1977	Agora, andar com as próprias pernas SBPC: O corte das verbas da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência e a resposta dos cientistas.
Especial4	04/07/1977	A ciência e o poder: O grande debate do XXIX reunião do SBPC
105	04/07/1977	MDB no horário nobre
106	11/07/1977	O novo tratamento para os acidentes de trabalho
107	18/07/1977	8 páginas de SBPC/ entrevistas com FHC, Joviniano Carvalho Neto, Edgar Graeff, Maria Hermínia Tavares e Fúlvia Rosenberg

108	25/07/1977	Como se escolhe um presidente/ A constituinte de 46.
Especial 5	25/07/1977	Constituinte: Como? Por quê? Para quem serve?
109	01/08/1977	O trigo: E o pão nosso de cada dia.
110	09/08/1977	O campo brasileiro hoje: Quem tem Terra e quem trabalha.
111	15/08/1977	A carta aos brasileiros: O manifesto dos juristas pela redemocratização/ Morte na General Motors no departamento jurídico da truste americano, o suicídio do revendedor que denuncia as pressões da empresa.
112	22/08/1977	TV X CRIANÇAS: Consumo, Violência e Conformismo.
113	29/08/1977	SALÁRIOS X CUSTO VIDA: Um ponto de vista popular
114	05/09/1977	Salário, Lucro e Inflação.
115	12/09/1977	Panamá: O negócio do canal
116	19/09/1977	A primeira grande vitória da Constituinte/ Dentro do MDB: Constituinte com Liberdade e Anistia
117	26/09/1977	Os metalúrgicos tem razão
118	03/10/1977	Qual é a dos Magalhães?/ A imprensa em poucas mãos.
119	10/10/1977	Um partido consentido no Brasil?
120	17/10/1977	O chefe da torcida Coração: depoimento de um corintiano/ / Um raio-x da saúde do Rio.
121	24/10/1977	A Alemanha e o terrorismo: Amarga vitória/O que pensa o general Bethlem
122	31/10/1977	Os funcionários públicos
123	07/11/1977	Os patrões, o modelo e a democracia.
124	14/11/1977	Os 60 anos de industrialização da URSS/ Marcia: candidatura Kubitschek/ Tancredo: um líder para o diálogo/ Rezende; O governo nega torturas.
125	21/11/1977	O Governo e Sindicatos
126	28/11/1977	SIM, justiça militar: um novo papel?/ A carta de movimento a Falcão/ A paz que Sadat quer.
127	05/12/1977	MDB já era: comentários de FHC, Ulysses Guimarães, Francisco Weffort, Euzébio Rocha, José Talarico, Jarbas Vasconcelos, Fernando Lyra e Tancredo Neves/ Hotel Meridian: negócios escusos no hotel de luxo.

128	12/12/1977	Riva e Pelé: duas estrelas na marca do pênalti/ O que eu diria ao Senador Portella: Henfil, Norma Benguel, Tristão de Athayde, Eder Jofre, João Bosco, Lourenço Diaféria, Kurt Mirow
129	19/12/1977	Quem calça nossos sapatos?/ O capital estrangeiro na indústria
130	26/12/1977	Loteamentos clandestinos: A luta pela Terra na cidade/ Quem está representando no congresso? Os latifúndios? Os empresários?/ Os operários? Os camponeses?

#### Quadro 4-Edições do Ano de 1978

Edição	Data	Material principal da capa
131	02/01/1978	O povo conta como foram 1977-1978 e como será/ O que ganhou a oposição?
132	09/01/1978	Por que Figueiredo?
133	16/01/1978	Magalhães e Severo
134	23/01/1978	Sucessão: Agora, Brossard e Marcos Freire?
135	30/01/1978	O primeiro congresso da mulher metalúrgica: Em busca da verdadeira igualdade
136	06/02/1978	As articulações por um partido socialista
137	13/02/1978	Regina Duarte, a artista e a política.
138	20/02/1978	Anistia: As grandes campanhas e o pronunciamento do Gen. Pery Bevilacqua
139	27/02/1978	A sentença contra Fleury
140	06/03/1978	Reinaldo: O goleador do Atlético-MG/ Bom de bola: é o artilheiro do campeonato mineiro/ É bom de cuca: Diz que o povo sabe votar e defender a Constituinte
141	13/03/1978	MDB: As caras novas para 78/ FHC candidato proposto ao MDB para o Senado por São Paulo
142	20/03/1978	Custo da Dívida: Quem tem razão, Simonsen ou os trabalhadores?/ João Saldanha: "Se o futebol desse estabilidade, o governo, Mussolini não teria sido



		morto e dependurado”
143	27/03/1978	Chegou o imperialismo bonzinho
Especial6	03/04/1978	ANISTIA: A história das nossas anistias, os exemplos internacionais, A campanha de hoje, A quem vai beneficiar?
Especial7	03/04/1978	A oposição no congresso: os melhores discursos de 77
144	3/04/1978	Reinaldo ameaçado de corte, mas tostão defende e diz” os cartolas não gostaram mas o povo gostou”/ Escândalo na seleção : o craque deu entrevista falando de política e Heleno Dias não gostou e diz que vai corta-lo.
145	10/04/1978	Brossard x Figueiredo/ O futebol e política: Por que os cartolas e os jogadores não podem
146	17/04/1978	O aniversário da Anistia de 1945/ A grande vitória de Mirow contra os trustes
147	24/04/1978	O caso Aldo Moro: quem é o responsável pelo terrorismo?/ CNBB: os bispos contra o retrocesso
148	01/05/1978	A situação da classe operária no Brasil/ As ideias de um novo líder sindical: João Pires do sindicato de metalúrgicos de Monlevade-MG
149	08/05/1978	Um candidato militar pela oposição: Capitão Itamar Perenha do 17º batalhão de caçadores candidato a deputado federal pelo MDB
150	15/05/1978	Haverá eleições em 78?/ O caso das “cartas secretas” do General Figueiredo
151	22/05/1978	As fábricas param!/ quem é o General Euller Bentes/ militares e políticos no Brasil/ Uma frente democrática?
152	29/05/1978	Argentina 78: A copa armada
153	05/06/1978	O nazista: A prisão do carrasco de Sobibor/ A copa: foi uma má ideia de Vilela?/ A greve: Os salários e os falsos prejuízos dos trustes/ Militares: depoimentos do Major Otelo Saraiva
154	12/06/1978	SEM CENSURA! História dos 3 anos da Censura em Movimento/ Maluf, um governador acima de qualquer suspeita
155	19/06/1978	SEM CENSURA! Primeira

		edição totalmente planejada e executada sem censura/ retrato falado de um torturador: vulgo Capitão Ubirajara/ Nós vimos a greve por dentro
156	26/06/1978	Reformas juninas: Geisel diz que vai acabar com a ditadura
157	03/07/1978	Eu não sou corrupto! Figueiredo, Golbery, Heitor Aquino e outros.
158	10/07/1978	O regime militar tem medo da Frente?/ A proibição da Frente na rádio e na televisão
159	17/07/1978	Finalmente revelado! A história da Guerrilha do Araguaia
160	24/07/1978	Médicos: ética, doenças e greves (o país está doente, os médicos fazem greve e Harry Shibata é conselheiro de ética).
161	31/07/1978	A pelegada quase não se aguenta (congresso dos trabalhadores na indústria)./ General Hugo de Abreu e os Militares da Frente.
162	07/08/1978	É preciso investigar a morte de Juscelino!
163	14/08/1978	Um presidente contra a ditadura?/General Euler Bentes Monteiro candidato à presidência pelo MDB
164	21/08/1978	Dívida externa: 40 bilhões de dólares!
165	28/08/1978	A greve dos professores/ Você votaria neste homem?(Figueiredo)
166	04/09/1978	O povo na ofensiva: 170 mil professores em greve, 1 milhão e 200 mil contra a carestia.
167	11/09/1978	Golpe? O debate nos quartéis: os generais pró Figueiredo x os oficiais pró Euler Bentes
168	18/09/1978	Escândalo no Planalto
169	25/09/1978	Lama no acordo nuclear/ denúncias de corrupção contra os ministros Calmon de Sá e Mário Simonsen
170	02/10/1978	O nosso relatório Hugo de Abreu: As acusações contra o Planalto
171	09/10/1978	Geisel num mar de lama: corrupção, abusos de poder, torturas, espionagem generalizada.
172	16/10/1978	Falam os paraquedistas de Hugo de Abreu/ Movimento faz eleições diretas: o povo não quer Figueiredo
173	23/10/1978	Figueiredo e Maluf: O regime é

		que é corrupto!
174	30/10/1978	O drive-ins dos filhos de Figueiredo/ A greve Geral
175	06/11/1978	As trapaças (e as desgraças) do predileto de Geisel: história exemplar de Humberto Esmeraldo, afilhado de Geisel, que chegou a ser escalado “o sucessor civil” de Figueiredo.
176	13/11/1978	MDB leva pânico ao Planalto
177	20/11/1978	Urnas exigem fim da ditadura/ previsão de votos para o Senado, MDB: 19 milhões Arena: 13 milhões
178	27/11/1978	Plebiscito Nacional/ Senado MDB: 18,5 milhões Arena: 13,6 milhões Vitória também na Câmara MDB: 16,5 milhões Arena: 14,8 milhões
179	04/12/1978	Erasmus acuado: corrupção e terrorismo
180	11/12/1978	General Bandeira, o duro! Dizem que ele foi escalado para marcar Brizola no sul/ Coronel Ludwig, agora explica essa: depois do leite para os porcos...toneladas de tomate no lixo.
181	18/12/1978	Ditadura nas fábricas: Movimento fala com centenas de operários em dezenas de fábricas, muitos são controlados pelas armas até quando vão ao banheiro!
182	25/12/1978	Brizola mais bombeiro.

#### Quadro 5-Edições do Ano de 1979

Edição	Data	Material principal da Capa
183	01/01/1979	VERGONHA: O bilionário réveillon da LIGHT- toda a história da negociata do ano: 1,3 bilhão de dólares por um ferro-velho que já era nosso
184	08/01/1979	Sexo Proibido: Depois de apreender no Brasil o Relatório Hite, Falcão proíbe pesquisa sobre a vida sexual da mulher brasileira, antes mesmo de ser divulgada.

185	15/01/1979	Os documentos do golpe militar pela democracia: pela 1ª vez são publicados os planos de ação dos grupos militares que acreditavam poder chegar rapidamente ao Estado de Direito
186	22/01/1979	Sequestro: Descobrimos tudo! Operação suja
187	29/01/1979	Sequestro: Provas de tortura no DOPS gaúcho: novas revelações da operação suja contra a soberania nacional, polícia tenta montar farsa e se complica.
188	05/02/1979	As acusações secretas contra Delfim- Movimento ouviu militares que tiveram acesso ao famoso relatório e revela a corrupção durante a passagem do futuro Ministro da Agricultura Delfim Netto, pela embaixada brasileira na França.
189	12/02/1979	A tragédia das chuvas: O céu não é culpado- O Governo, verdadeiro mandachuva está perplexo e não reage.
190	19/02/1979	Irã: Vitória da revolução, a queda da ditadura no Irã se compara a Rev. Francesa .
191	26/02/1979	Hugo de Abreu agita o mar de lama/ China x URSS Guerra! No começo trocavam insultos e acusações, agora trocam chumbo.
192	05/03/1979	Quem deu dinheiro para a tortura: Altos figurões ligados ao Governo envolvidos no esquema da finança do terror; dividas com o Governo eram usadas para pôr indústrias na operação fascista.
193	12/03/1979	Figueiredo: A ditadura quer sair em ordem/ O plano estratégico do novo presidente: seis anos para consolidar o entreguismo e acabar com as provas das violações dos Direitos Humanos e da corrupção deslavada.
194	19/03/1979	Brasília: posse, a festa do herdeiro/ São Bernardo: Greve- a assembleia dos 80 mil
195	26/03/1979	Brasil ia invadir o Uruguai! Mais uma assombrosa revelação dos desatinos militares, caso as esquerdas uruguaias vencessem as

		eleições de 1971, o país seria invadido por tropas brasileiras
196	02/04/1979	A greve no ABC: fim de primeiro tempo/ O Governo recua e admite a volta de Lula, patrões falam em aumento maior para o ABC
197	09/04/1979	O perigo de um desastre atômico
198	16/04/1979	Inflação desmoraliza o Governo: depois de 15 anos de regime militar que prometeu acabar com a inflação e a corrupção, o custo de vida chega a um dos níveis mais altos da história brasileira e os abusos administrativos.
199	23/04/1979	A rebelião dos funcionários
200	30/04/1979	Linha Dura obrigada a engolir sapo: Governo recua no processo contra jornalista Evandro Paragua/ As festas da senhora Lutfalla: enquanto os funcionários públicos penam por um aumento minguido, a mulher do governador Maluf é patronesse da “noite do supermam” na discoteca Aquarius e promete jantares para 800 talheres.
201	07/05/1979	Fleury: A morte de um herói do regime militar
202	14/05/1979	De onde vem Lula
203	21/05/1979	Maluf quer ser presidente!/ 30 mil funcionários nas ruas de São Paulo gritavam: Um, dois, três Maluf no xadrez.
204	28/05/1979	A UNE já se levanta e o Governo finge que não se importa/ São Paulo: A greve contra os patrões da imprensa.
205	04/06/1979	Os relatórios militares sobre Jari
206	11/06/1979	Novos partidos: Quem é quem? A reforma partidária que visava implodir o MDB pode voltar-se contra o Governo.
207	18/06/1979	Fala Prestes: o secretário geral do PCB, fala sobre o Governo Figueiredo, a Anistia, as greves, a URSS e a China.
208	25/06/1979	A cartada da Anistia restritiva/ Os partidos clandestino após o golpe de 1964/ PCB e PC do B/ Julião defende PTB
209	02/07/1979	ANISTIA
210	09/07/1979	Araguaia: ”Eu vi a degola do líder da guerrilha”
211	16/07/1979	VENDE-SE (desenho do

		Brasil)/Conheça a formula oficial para a crise econômica
212	23/07/1979	Mar de Lama do entreguismo.
213	30/07/1979	As denúncias dos oficiais da PM: as torturas dos que se opuseram a métodos da repressão em São Paulo
214	06/08/1979	A anistia e dossiê do terror
215	13/08/1979	Fala o líder do PC do B/ Simonsen: a queda e a crise
216	20/08/1979	Os arquivos de Marighella: suas cartas ao PCB e a Fidel Castro, os planos para a guerrilha rural, os objetivos do terror revolucionário.
217	27/08/1979	Como desapareciam os mortos da tortura
218	03/09/1979	Quem está com Brizola? O PTB ainda não tem força suficiente no congresso e o ex-governador não agrada a todos com suas declarações contra o radicalismo
219	10/09/1979	Os médicos da repressão
220	17/09/1979	Arraes, uma estrela que sobe.
221	24/09/1979	O PCB está chegando
222	01/10/1979	A perseguição aos militares democráticos
223	08/10/1979	Comunistas : A batalha da legalidade
224	15/10/1979	Os planos do Dr. Tancredo: o campeão da conciliação quer salvar os militares
225	22/10/1979	Doca Street, a justiça dos ricos e dos homens.
226	29/10/1979	A dívida fora de controle: a dívida brasileira chega a 50 bilhões de dólares e continua crescendo/ O Brasil nas mãos dos banqueiros
227	05/11/1979	O assassinato que revoltou São Paulo: a morte do líder operário Santo Dias
228	12/11/1979	Este general comandou os torturadores: seis ex-presos políticos acusam frontalmente o general Antônio Bandejas, como comandante do III Exército: eles o viram em câmaras de tortura e estão absolutamente seguros de que ele as comandava.
229	19/11/1979	Uma comunista ataca o machismo até dentro do PCB (Zuleika Alembert)
230	26/11/1979	TIO SAM acuado no oriente:
231	03/12/1979	O sequestrador do bispo de Nova

		Iguaçu: três anos depois do atentado, Movimento revela quem sequestrou o bispo D. Adriano Hipólito (Ten.Cel. José R Zamith)
232	10/12/1979	Fala D. Paulo: D. Paulo Evaristo Arns, Cardeal Arcebispo de São Paulo fala com exclusividade a Movimento.
233	17/12/1979	Gabeira é isso, companheiro! O pensamento nu e cru do jornalista Fernando Gabeira, um ex-sequestrador que continua fazendo política a seu modo.
234	24/12/1979	FELIZ NATAL: Quatro temas para a sua leitura (e meditação).
235	30/12/1979	Luta armada: Porque não deu certo?

#### Quadro 6-Edições do Ano de 1980

Edição	Data	Material principal da Capa
236	07/01/1980	Escolha o seu partido: Um quadro comparativo de ideias e programas
237	14/01/1980	Violência: A reação popular contra a polícia e os bandidos
238	21/01/1980	Crise em Cuba: Todo poder a Fidel
239	28/01/1980	Nestlé: A fome em lata, revelação: Mães e médicos sob controle da multinacional do leite.
240	04/02/1980	Uma guerra de 4 milhões de posseiros: os conflitos cada vez mais frequentes pela posse da terra
241	11/02/1980	Crise no PCB: Prestes pode ser expulso/ A farsa dos pelados
242	18/02/1980	O incrível golpe da Petromaluf
243	25/02/1980	D. Pedro, o bispo socialista.
244	03/03/1980	Igreja Sandinista
245	10/03/1980	Xênia: A desbocada, a audaciosa, a amada apresentadora da TV brasileira
246	17/03/1980	Congresso das 4 mil mulheres : As decisões e as brigas internas no II Congresso da Mulher Paulista.
247	24/03/1980	Filhos de generais no golpe do INPS: Movimento revela com

		exclusividade um dos maiores golpes de falsificação e desvio de dinheiro da história da república, entre os envolvidos o filho General Golbery.
248	30/03/1980	Censura posta o nu: Fotos liberadas, o que significa?/ Ditadura mostra a cara no ABC: A situação dos operários ameaçados.
249	07/04/1980	Vitória operária: Apesar das ameaças, da FAB (helicópteros em voos rasantes em 02/04/80 em São Bernardo).
250	14/04/1980	General autoriza: Carros roubados para torturadores/ os 400 Lulas de São Bernardo.
251	21/04/1980	CRISE! A demissão <u>inútil</u> do general Serpa; A proposta <u>furada</u> do popular Tancredo; A economia <u>falida</u> do mágico Delfim; O entreguismo <u>típico</u> da Ditadura militar e a intervenção <u>brutal</u> nos sindicatos.
252	28/04/1980	A greve com Lula preso.
253	05/05/1980	Quem é o general que tenta sufocar o ABC: General Milton Tavares do II Exército e virtual interventor em São Paulo para reprimir a greve do ABC.
254	12/05/1980	Corrupção: transborda o nosso mar de lama! Dossiê: generais, filhos de generais, filho de Figueiredo, de Golbery, ministros, governadores, todos se esbaldam no mar de lama e corrupção!
255	19/05/1980	Por baixo do pano, o pacote de maio! O fantasma do AI-5 na cassação de João Cunha; A manutenção da Lei Falcão,
256	26/05/1980	Prestes: Agora a briga pelas bases do PC brasileiro/ Lula: O depoimento do líder metalúrgico no DOPS.
257	02/06/1980	Cuidado! O Jânio vem aí a serviço do Golbery e em defesa da Ditadura, o velho político quer reeditar os anos 60.
258	09/06/1980	O Congresso sob mira do Exército: Deputado Chico Pinto ameaçado juntamente com o deputado João Cunha porque criticou os militares.
259	16/06/1980	Governo entrega Carajás!



260	23/06/1980	Com quem está o Papa João Paulo: Igreja pobre ou Igreja rica?
261	30/06/1980	Maluf, quem diria pensa que é Hitler: Veja como foi criada a tropa fascista do Massacre da Freguesia.
262	07/07/1980	João Paulo- Superstar-
263	14/07/1980	Governo meteu a mão nas cadernetas de poupança!
264	21/07/1980	Direita declara guerra e terror: um dossiê da escalada do terrorismo
265	28/07/1980	Esse negócio de sexo: Explosão no comércio brasileiro: Livros, revistas e posters e muita desinformação.
266	04/08/1980	Terrorismo; A polícia sabe quem atacou; Eis aqui o delegado Edsel Magnotti, do DEOPS (um cidadão acima de qualquer suspeita?), o homem que sabe, mas não diz quem prendeu brutal e ilegalmente o jurista Dalmo Dallari.
267	11/08/1980	Governo trama super-arrocho para agradar o FMI: José Serra denuncia desculpa esfarrapada de delfim e prova que os salários não alimentam a inflação.
268	18/07/1980	João & Vilela: Ação no Cone Sul
269	25/07/1980	83% do povo contra o João: Pesquisa de Movimento rebate pesquisa do Governo.
270	01/09/1980	Sangue no rastro da Direita.
271	08/09/1980	A farsa de Barbacena: Governo não quer investigar o terrorismo.
272	15/09/1980	Terror: A PM no banco dos réus; As investigações da oposição em São Paulo.
273	22/09/1980	A maconha ganhou a classe média.
274	29/09/1980	Terror: Eis aqui o coronel da peruca: Ele é um homem sério na aparência, mas foi preso quando vigiava uma livraria disfarçado com peruca e bigode postiços, é um coronel do Exército: Waldemar Gomes Filho, um militar “acima de qualquer suspeita”
275	06/10/1980	Fala Rui, o líder da UNE: Preparação política do maior congresso da UNE.
276	13/10/1980	UNE: As propostas das lideranças estudantis.

277	20/10/1980	Tudo sobre a reunião da UNE: em três páginas.
278	27/10/1980	A condenação do médico dos torturadores: Depois de cinco anos, os crimes de Harry Shibata começam a ser punidos.
279	03/11/1980	Governo cerca a Igreja: Expulsão do padre Vito (Vito Miracapilho, padre italiano, expulso do país porque ficou do lado dos trabalhadores contra os latifundiários).
280	10/11/1980	Sexo: Cinema mostra tudo: As salas especiais inauguradas em SP trouxeram filmes como “Império dos Sentidos”,
281	17/11/1980	Rockefeller deita e rola no Brasil: Rock veio apertar o Brasil em nome dos banqueiros internacionais, mas a visita foi inútil, o Governo já está se submetendo ao FMI.
282	24/11/1980	Estes são os terroristas: seguindo pistas desprezadas pela polícia, a imprensa revela os nomes de dois suspeitos de incendiar bancas de jornal e de atentar contra a sede do CBA em SP: André Rizzo e Mário Fontes.
283	01/12/1980	A trama premiar Ludwig: Movimento revela as negociações secretas da “Gang do Planalto” para colocar um general na direção do MEC.
284	08/12/1980	Uma farsa para libertar Khoure
285	15/12/1980	Os órfãos de John Lennon
286	22/12/1980	Cai mais um; “Gang” degola Said Farhat, Heitor Aquino e esquema publicitário de Delfim Netto derrubam o secretário.
287	29/12/1980	Chora Figueiredo! Os anos 80-81: O regime a caminho do atoleiro.

#### Quadro 7-Edições do Ano de 1981

Edição	Data	Material principal da Capa
288	05/01/1981	Reveillon-O sonho fora do alcance: Uma incrível chuva de militares no Rio, escandalosas

		mordomias dos super-funcionários em Brasília, restaurantes com jerimum e carne seca a Cr\$ 800,00, enquanto isso, populares nem imaginam a vida rica, pensam que ir a Poços de Caldas seja o maior luxo possível.
289	12/01/1981	Aureliano: Mais um desentendimento com a “Gang”.
290	19/01/1981	O plano do general Serpa para fazer Aureliano presidente do Brasil.
291	26/01/1981	Dólar: A corrupção “secreta”.
292	02/02/1981	Exclusivo escândalo Tieppo.
293	09/02/1981	País afunda e ricos velejam! Nem todos se sacrificam nessa crise: encomendas de iates crescem 20% ao ano; ricos já compraram e cercaram quase 70 % das praias da rodovia Rio-Santos!
294	16/02/1981	A face oculta de Heitor Aquino: Movimento revela a carreira e o caráter do substituto de Golbery. Ex-esposa de Heitor diz que já ficou presa incomunicável e que tem medo de “sumir do mapa”.
295	23/02/1981	Pela investigação dos crimes da Ditadura/ A honra das casernas não está acima dos Direitos Humanos.
296	02/03/1981	Como Golbery ajudou a corretora Laureano: Tieppo lesou um punhado de ricos e se estrepou. Laureano recebeu dinheiro público para cobrir seus trambiques e com acintosa ajuda de Golbery saiu “limpo” da jogada!
297	09/03/1981	Mulheres! A luta mais longa-conheça a história da luta milenar das mulheres: Como surgiu a dominação.
298	16/03/1981	Eis a prova da mentira de Andreazza: Andreazza queria culpar a esquerda pela seca/ Movimento ouviu o “subversivo” apontado pelos órgãos de segurança como o ex-líder estudantil Wladimir Palmeira.
299	23/03/1981	Falam os revoltosos da PM: Movimento entrevista com exclusividade um dos organizadores da greve e rebelião da PM baiana, que promete

		manter a luta salarial mesmo com dura repressão das forças armadas.
300	30/03/1981	A imprensa marrom dos amigos de Golbery: Amigos de Golbery dão golpe em Tenório Cavalcante e tomam conta do jornal luta Democrática, transformando-o num jornal pornográfico com ajudas de verbas publicitárias e colocando-o a serviço do PDS de Golbery.
301	06/04/1981	O Estado Miliar: 17 anos após 31 de março 1964 está montado.
302	13/04/1981	Desempregados do ABC podem repetir saques do Nordeste.
303	20/04/1981	O novo desafio do general Serpa.
304	27/04/1981	Os camponeses do Brasil: São 11 milhões de trabalhadores, a classe social mais numerosa do país. Neste estudo, Movimento apresenta cenas da vida e os problemas dos posseiros, arrendatários e pequenos proprietários.
305	04/05/1981	Algo de podre no reino de Ludwig.
306	11/05/1981	Terror: Exército encobre os seus suspeitos.
307	18/05/1981	Terror: A oposição se desilude com Figueiredo.
308	25/05/1981	Arte e Política: Bob Marley & Joan Baez.
309	01/06/1981	Terror: em ação, serviço oficial de desinformação, veja como estão tentando encobrir o que se passou no Rio Centro, mas as notas do Exército não convencem os oficiais dissidentes.
310	08/06/1981	O protesto do Tenente-Coronel Nivaldo Dias: todas as histórias da revolta e indignação.
311	15/06/1981	Brasil- URSS; Afinal chegou o ouro de Moscou, imaginem Golbery e Delfim Netto? Arquitetaram tudo e vão por as mãos no famoso ouro de Moscou para ajudar a pagar a dívida externa.
312	22/06/1981	O estouro do INAMPS: Mesmo com o risco de liquidar seu projeto de abertura social, o Governo está escalando pobres, viúvas e velhinhos para pagar o

		rombo de 180 milhões da Previdência Social.
313	29/06/1981	O nosso Relatório Rio Centro.
314	06/07/1981	8 furos no IPM: Movimento analisa com os dissidentes militares os resultados oficiais do inquérito no Rio Centro.
315	13/07/1981	Mesmo de cara nova, o pelego pode cair: As eleições desta semana para o Sindicato dos Metalúrgicos de São Paulo.
316	20/07/1981	Os grandes negócios de delfim com a URSS
317	27/07/1981	Metalúrgicos a caminho da vitória: Aurélio Perez e Rossi somam forças na Chapa 2
318	03/08/1981	Metalúrgicos-SP: Aposentados dão vitória ao pelego.
319	10/08/1981	Por que falhou o mago da Abertura
320	17/08/1981	A nova “gang do Planalto” lança seu candidato: O general Medeiros derrotou Golbery e quer suceder Figueiredo; como se elege um presidente militar; as alianças e cisões nas cliques militares de Castelo a Medeiros.
321	24/08/1981	Os sindicatos sob o regime militar
322	31/08/1981	Salvador, a rebelião vista por dentro.
323	07/09/1981	O atoleiro dívida externa: O regime militar afundou a economia nacional.
324	14/09/1981	Os invasores de São Paulo; Porque ocorreu e porque se desmanchou o sonho dos pobres que invadiram a fazenda do IAPAS em São Paulo.
325	21/09/1981	Figueiredo doente.
326	28/09/1981	A conspiração por Aureliano.
327	05/10/1981	Dívida Externa: Você é quem paga.
328	12/10/1981	Os brasileiros treinados na escola de Dan Mitrione/ Nossa polícia formada pela CIA e FBI.
329	19/10/1981	FUNAI: Muito coronel e pouco índio, militarização e violação dos direitos indígenas.
330	26/10/1981	Cai o esquema eleitoral do regime para 82: O significado da fragorosa derrota do Governo no congresso.
331	02/11/1981	O mau exemplo de Figueiredo; os próprios médicos americanos

		consideram absurdos os tratamentos dos militares e burocratas brasileiros nos EUA.
332	09/11/1981	“Por amor”: entre o primeiro e o segundo julgamento de Doca Street no ano 80, só em São Paulo 772 mulheres assassinadas.
333	16/11/1981	Guerra contra Cuba! Nossa correspondente em Nova Iorque revela: A máquina de propaganda americana contra Cuba.
334	23/11/1981	ÚLTIMA EDIÇÃO! A opinião dos conselheiros; Um índice para os colecionadores; Movimento morreu, viva Movimento!

**ANEXO A- Cordel de homenagem a Movimento**  
**A independência e a morte de um jornal democrático**  
**Por Crispiniano Neto – Casa do Cantador do Oeste Potiguar- Mossoró- RN**



Figura 11- Fac – símile do livreto de cordel de Crispiniano Neto, de Mossoró, RN.

Fonte: AZEVEDO (2011, p.312)

Acorda Brasil e junta  
 Teus cacós de anistia  
 Que o jornal *Movimento*  
 Fechou sua editoria  
 E nós temos que lutar  
 Pra o capital não calar  
 A voz da democracia

A 23 de novembro  
 Deste 81 corrente  
 Vi o Brasil boquiaberto  
 Como alguém que – de repente  
 Pensando em ter o perdão  
 Recebe a condenação  
 De um crime que é inocente

Quem deseja imprensa livre  
 Com justiça e igualdade  
 Quem pensava que a abertura  
 Existia de verdade  
 Viu *Movimento* fechando  
 Como um punhal penetrando  
 Nas carnes da liberdade

(...)

Quando os jornais só serviam  
 Para mentira e embrulho  
 Surgiu em setenta e cinco  
 Este *Movimento* em julho  
 Como uma garça que voa  
 Limpa sobre a lagoa  
 Cheia de lama e vasculho

E desde o primeiro número  
 O *Movimento* adotou  
 A voz de quem não tem vez  
 E assim cascaviou  
 Miséria, tortura e trama  
 E o fundo do mar de lama  
 Onde o Brasil mergulhou

E não houve um movimento  
 Que ao povo pertencesse  
 Que parasse na tortura  
 Que ganhasse ou que perdesse  
 Que a sucursal ou matriz  
 Não escavasse a raiz  
 E ao povo esclarecesse

Enquanto os outros jornais  
 Defendiam a opressão  
 Doiravam a pílula de Geisel  
 Mostravam os dentes de João  
 O *Movimento* estampava  
 A ferida que inflamava  
 Na barriga do povão

A ditadura ferida  
 Também não se conformava  
 Qualquer corte de gilete  
 Com um canhão revidava  
 Mas o *Movimento* vinha  
 Dizendo em cada entrelinha  
 O que a censura cortava

(...)



Num Brasil onde a miséria  
Convive com a prepotência  
Quem fundou este jornal  
Sabia com antecedência  
Que dele vinha primeiro  
Prejuízo financeiro,  
Depois lucro em consciência

(...)

E com tanto prejuízo  
Desde o número de estreia  
Neste 15 de novembro  
Decidiu-se em assembleia  
Paralisar *Movimento*  
Entre espanto e lamento  
Como no fim de Pompeia

(...)

Finalmente estavam juntos  
Dirigentes, redatores,  
Jornaleiros e repórteres  
Gráficos, colaboradores,  
Pra dividir indecisos  
As migalhas de sorrisos  
E as montanhas de dores

Na decisão de fechar  
Chorou Raimundo Pereira  
Roberto Martins e Washington  
Zarif, Milton e Filgueira  
Falou Murilo Carvalho  
E as lágrimas viraram orvalho  
Na morte da sementeira

Perseu Abramo chorou  
Perto de Lia Furtado  
Antonio Carlos Queiroz  
Ana Maria Machado  
Carlos Ruy e Léa Vargas  
Prevendo as horas amargas  
De um *Movimento* parado

(...)

Distante também choraram  
Um estudante carente  
Uma mulher oprimida  
Um operário valente  
Um jornalista sensato  
Um líder de sindicato  
Um camponês consciente

Enquanto isso sorriram  
As multinacionais  
Os políticos trambiqueiros  
Os babões de generais  
Os ditadores fascistas  
E todos os entreguistas  
Das riquezas nacionais

Na morte de *Movimento*  
Seu crânio diz: eu me movo  
Movimentando os espaços  
Buscando um espaço novo  
Pra se mover com virtude  
Noutro jornal que ajude  
Aos movimentos do povo

No tombo de movimento  
Carece que todos tracem  
Novos caminhos qual Hidra  
Que se as cabeças tombassem  
Em vez de exterminada  
Duma cabeça cortada  
Mais sete Hidras renascem.

**ANEXO B- Folha de São Paulo, 27 de Novembro de 1981****Tendências/debates****Um convite para debater “Movimento”- Raimundo Pereira.**

O jornal “Movimento” prestou relevantes serviços à oposição brasileira. Na imprensa legal, foi quem primeiro levantou a tese de convocação de uma Assembleia Nacional Constituinte livre e soberana – e quem mais fez campanha por ela, mesmo quando o governo a considerava propaganda dos comunistas.

Na campanha por uma anistia ampla, geral e irrestrita, foi quem primeiro desafiou e driblou a censura, editando um caderno de história e depoimentos a respeito desse tema.

Em relação a dívida externa, acompanhou todos os passos de seu agravamento, tem capas e artigos especiais sobre todos os lamentáveis recordes que a dívida bateu; e fez isso mesmo quando setores da oposição ao regime militar aceitavam a tese governista de que a dívida era um problema dos credores, não brasileiro.

Para a oposição, foi quem restabeleceu de forma prática o hábito do debate franco e documentado sobre as questões em aberto; tornou tal hábito uma questão de princípio, um ponto de seu programa editorial, mesmo sob fogo de forte contestação de setores oposicionistas.

Hoje, “Movimento” está fechado. Amanhã, às 20 horas, no Sindicato dos Jornalistas, em São Paulo, uma assembleia geral de seus acionistas e colaboradores muito provavelmente endossará a tese do fechamento aprovada pela Convenção Nacional dos funcionários do jornal no último dia 15. Mas, entrando para a história da imprensa política brasileira, o que restará do seu projeto?

A importância de “Movimento” para o futuro da oposição democrática e popular dependerá das conclusões práticas que tirarmos a respeito de seu passado. E é por esse motivo que o debate sobre as causas do fechamento do jornal tem importância decisiva.

No curto espaço deste artigo, procurarei adiantar alguns argumentos para responder a duas avaliações públicas do fim de “Movimento”: uma de Luís Carlos Bresser Pereira, feita aqui na “Folha de S. Paulo” (24.11.81, página 2) e outra da “Tribuna da Luta Operária”, que está circulando nesta semana (edição de 21.11 a 4.12.81, página 3). As duas avaliam no geral positivamente a experiência do jornal e têm em comum o fato de contestarem a afirmação da

direção de “Movimento” de que a causa fundamental do fechamento foram os atentados da ultradireita às bancas. Para Bresser, o fechamento “não foi (...) devido à perda de venda avulsa causada pelo terrorismo de direita sobre as bancas, embora este fato tenha prejudicado efetivamente o jornal. “Movimento” fechou – diz ele – porque a esquerda radical está dividida e porque a esquerda democrática não soube usá-lo como instrumento de luta e de debates”. Para a “Tribuna”, “a partir de 1979, o jornal começou a enfrentar dificuldades internas e entrou em crise. Passou a fugir de seu projeto inicial, de um semanário amplo, de frente, centrado no combate ao regime militar. Estreitou-se. Refletindo esse quadro e também os atentados terroristas contra as bancas de jornal, as vendas caíram”.

Acredito que a esquerda em geral poderia ter feito mais por *Movimento*. Acho também, como já disse em voto vencido na última Convenção do jornal, que a partir de 1980, vários de nossos redatores e colaboradores empenharam-se por realizar alterações prejudiciais no programa editorial de *Movimento* – um bom número pretendendo estreitá-lo, excluindo os liberais, e, uns poucos, visando descaracterizá-lo de sua linha intransigente de combate à ditadura, ao peleguismo e à política de intimidação das superpotências.

Houve, também, erros graves na aplicação dos planos orçamentários aprovados na diretoria e no corpo de assessores financeiros da empresa; fundamentalmente, deixou-se de aplicar o plano de saneamento decidido em julho de 81 após a campanha de levantamento de fundos para o jornal.

Acontece, porém, que todos os erros políticos citados existiram em outros períodos, ou mesmo sempre, na história do jornal e não o inviabilizaram. Exemplo: em 1977, setores da esquerda se retiraram de “Movimento” por falsas razões: alegavam que queriam um jornal mais democrático e foram fundar jornais como o “Em Tempo”, hoje porta-voz de uma corrente esquerdista. Em 1978 setores da esquerda atacaram o jornal como “burguês”, por ele apoiar decididamente a campanha de denúncias do general Hugo Abreu contra a “gang do Planalto” e a campanha do general Euler Bentes à eleição indireta para a Presidência da República.

E, ao longo de todo o tempo, setores liberais alimentaram ou toleraram a verdadeira “guerra psicológica adversa” que o regime e seus órgãos de repressão moveram contra a direção do jornal, acusando-a de ser manipulada por um partido clandestino, uma mentira deslavada que nem o Centro de Informações do Exército teve coragem de sustentar publicamente.

E, quanto ao erro de não aplicação do plano orçamentário no período final do jornal: é certo que ele parece dramático nas contas da empresa – pela primeira vez na sua história houve erros de mais de 30% no cumprimento da previsão de despesas, quando no passado tais erros foram sempre inferiores a 10%. Mas é preciso não esquecer que nunca na vida recente do País houve inflação tão galopante. E que ela é, inevitavelmente, no regime atual, descarregada sobre os pequenos e médios como “Movimento”.

Por essas razões, é muito mais coerente com os fatos considerar que a causa essencial do fim de “Movimento” foram os atentados terroristas contra as bancas de jornal. Os atentados criaram um desequilíbrio súbito e profundo nas receitas da empresa. Impediram que ela tivesse tempo para adequar-se à nova situação, já que não se poderia esperar que superasse todos os seus outros problemas instantaneamente.

Nos meses seguintes aos atentados e até o fechamento, “Movimento” perdeu das bancas mais de 1 milhão de cruzeiros líquidos por mês; o acréscimo de assinaturas no período apenas atenuou levemente essa perda. Além disso, o jornal não poderia reduzir drasticamente suas despesas porque sempre foi um semanário de informação e análise nacional, cuja estrutura mínima não pode ser reduzida além de certo ponto. E mais: o jornal fez enormes esforços para elevar substancialmente suas vendas de assinaturas, mas só conseguiu médias mais altas em campanhas intensíssimas (agosto-outubro 80, época da reação democrática e popular aos atentados; abril-junho 81, última campanha dramática pela sustentação de “Movimento”). E estas campanhas não poderiam ser mantidas permanentemente, como sabe qualquer pessoa que participou de projetos desse tipo.

Este artigo não pretende encerrar um debate que espero seja profundo e proveitoso. Por ora, gostaria de terminar convidando a todos os acionistas, leitores, amigos e interessados na imprensa democrática e popular a comparecerem ao auditório do Sindicato dos Jornalistas de São Paulo, amanhã, às 20 horas, para o início do debate da experiência de “Movimento”.